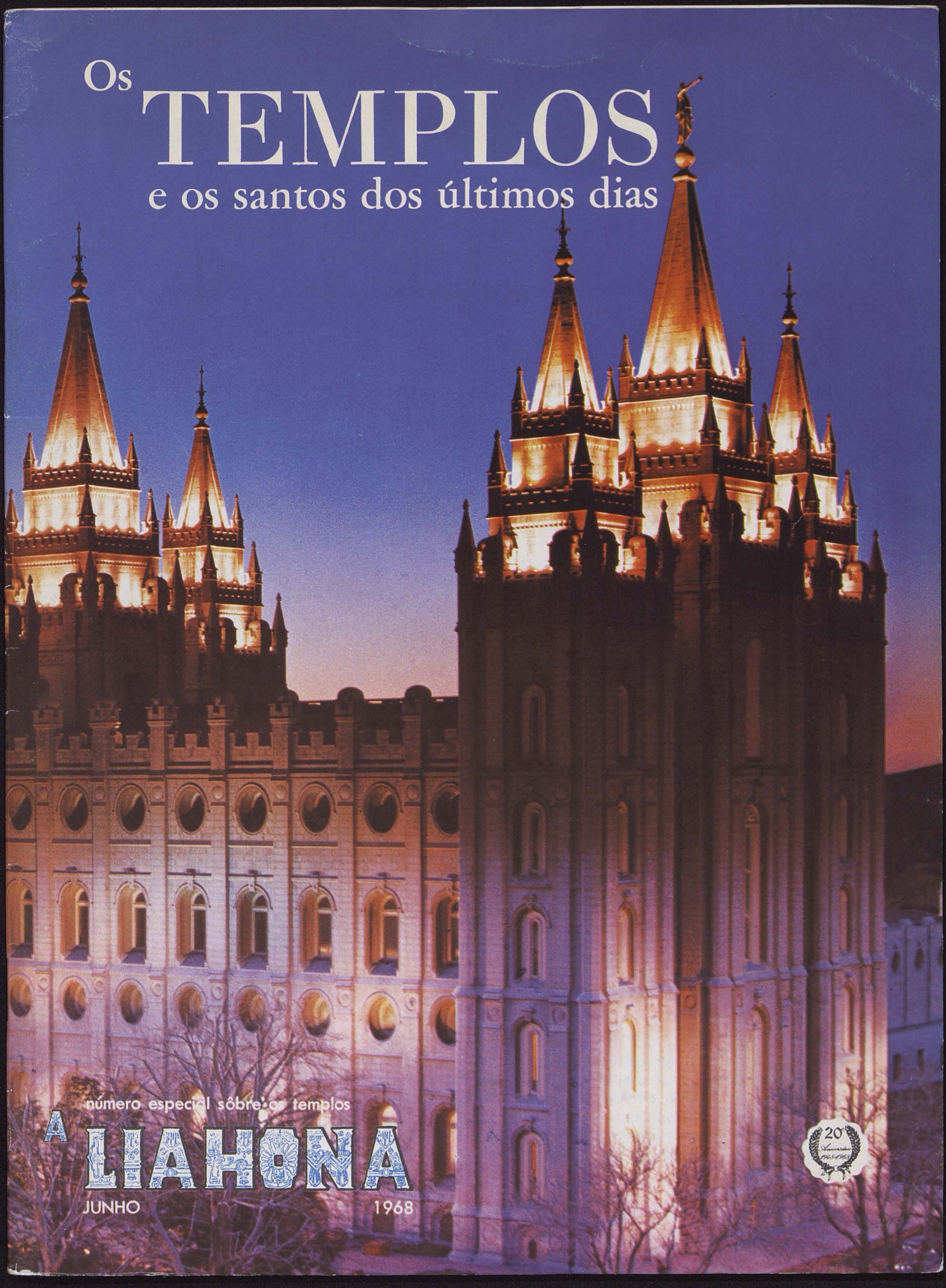
Os TEMPLOS
e os santos dos últimos dias



número especial sôbre os templos

A LIAHONA

JUNHO 1968

20 Aniversário 1948-1968

Mensagem de

Mark E. Petersen

do Conselho dos Doze

Uma das Regras de Fé. . . inclui as seguintes palavras: "Cremos em sermos honestos. . ." (13.a Regra de Fé).

Êste é um dos princípios mais importantes da nossa religião e para muitos, um dos mais difíceis de se viver. A honestidade é um princípio tão básico para o verdadeiro cristianismo quanto o batismo ou a ressurreição dos mortos. É o alicerce de todo o desenvolvimento do caráter.

Quando Jesus Cristo nos ensinou a buscar primeiro o reino de Deus e sua justiça, referia-se à sinceridade de propósito, ou seja à honestidade.

Tinha Cristo dúvidas quanto a qualquer questão de princípio? Adotava critérios morais dúbios? Aprovava práticas desonestas? Havia nêle qualquer duplicidade? E pode, então, haver duplicidade em seus seguidores?

O que pretende quando diz: "Não mentirás," "Não furtarás," "Não cobiçarás", "Não prestarás falso testemunho"?

Será que nos dá permissão de dizer pequenas mentiras uma vez que não digamos mentiras graves?

Êle nos permite furtar um pouco aqui e outro tantinho mais além, desde que não cometamos grandes roubos?

Como entristece ver tanta gente acreditar nessa doutrina diabólica! No entanto, existe sòmente um meio de ser salvo em sua presença. E êste é evitar tôdas as formas de hipocrisia e guardar e sinceramente os seus mandamentos.

Neste Número

Mensagem de Inspiração. Mark E. Petersen 2

O Propósito dos Templos. Presidente David O. McKay 3

Por Que os Mórmons Constróem Templos? Mark E. Petersen 10

Com o Templo em Vista. John A. Widtsoe 18

Revelação. Doyle E. Green 21

Os Templos Antigos. Sidney B. Sperry 26

O Conceito SUD de Casamento. Hugh B. Brown 32

(**A Partir de Cumorah** terá sequência no próximo número)

Capa

Uma das características da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Ultimos são os seus ensinamentos sôbre a importância dos templos e do trabalho neles realizado. As informações concernentes a êste assunto são de perpétuo interêsse para os membros da Igreja e seus amigos. Para maiores informações concernentes **À Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias,** comunique-se com as unidades locais da Igreja ou escreva à sede da Igreja: **The Church of Jesus Christ of Latter - Day Saints – 47 East South Temple Temple Street, Salt Lake City, Utah 84111, USA.**

Vol. 21 — Junho de 1968 — Número 6

A LIAHONA

Publicação Mensal editada pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Editor
Hélio da Rocha Camargo
Redator
F. Máximo

Centro Editorial Brasileiro
R. São Tomé, 520 - V. Olímpia
CP 19079, São Paulo, SP - Tel. 80-9675

Estaca São Paulo
R. Iguatemi, 1980
São Paulo, SP

Missão Brasileira
R. Henrique Monteiro, 215, São Paulo, SP, CP 862, Tel. 80-4638

Missão Brasileira do Sul
R. Gen. Carneiro, 490, Curitiba, Pr.
CP 778, Tel. 4-8016

Missão de Construção
R. Itapeva, 378, São Paulo, SP
Tel. 33-6761

"A LIAHONA" — Órgão Oficial da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em língua portuguêsa, acha-se registrado sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4.857 de 9-11-1930. Composto por Interlinograf, R. dos Andradas, 127. Fotolitos: Lastri S/A, R. da Independência, 362/382. Impresso nas oficinas da **Litográfica Comercial**, R. da Independência, 213. São Paulo, SP

Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar sòmente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas tôdas as colaborações para apreciação da redação e do "staff" internacional do "Unified Magazine".

Subscrições: Tôda a correspondência sôbre assinaturas deverá ser dirigida ao: *Departamento de Assinaturas*, Caixa Postal 19079. Assinatura anual para o Brasil: NCr$ 5,00; para o Exterior, simples: US$ 3,00; para o Exterior, via aérea: US$ 7,00. Preço do Exemplar avulso em nossa Agência: NCr$ 0,50; exemplar atrasado NCr$ 0,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando o antigo e o nôvo endereço, devendo-se aguardar 8 semanas para o processamento postal.

Importante

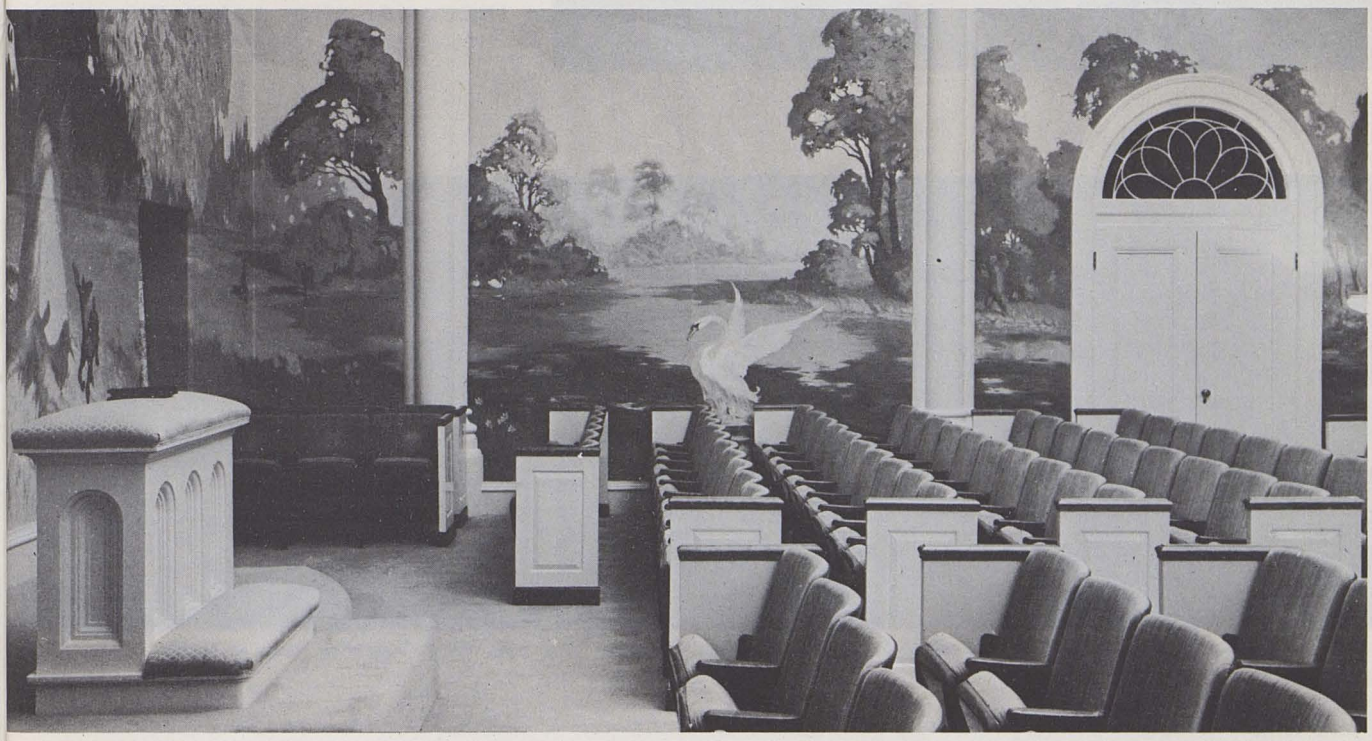
Tôda a correspondência deve ser endereçada a

CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO
Caixa Postal 19079, São Paulo, SP

O Propósito dos Templos

Presidente David O. McKay

De observações feitas durante a dedicação do Templo da Suiça, e de outras fontes.



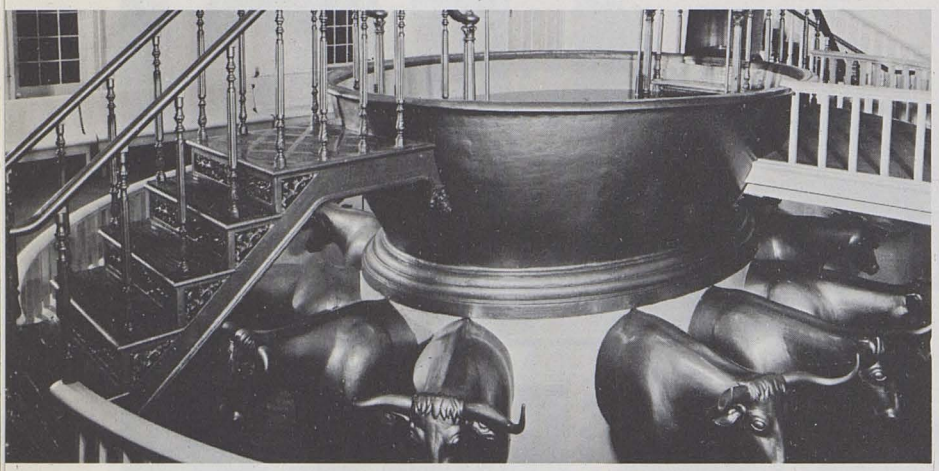
Sala do Jardim, no Templo de Saint George.

Uma das principais perguntas de repórteres, jornalistas e outros, geralmente, é: "Qual a diferença entre o templo e os outros edifícios da Igreja?" Como todos os membros da Igreja sabem, a resposta é que os templos foram edificados para realizar ordenanças sagradas — não secretas, mas sagradas.

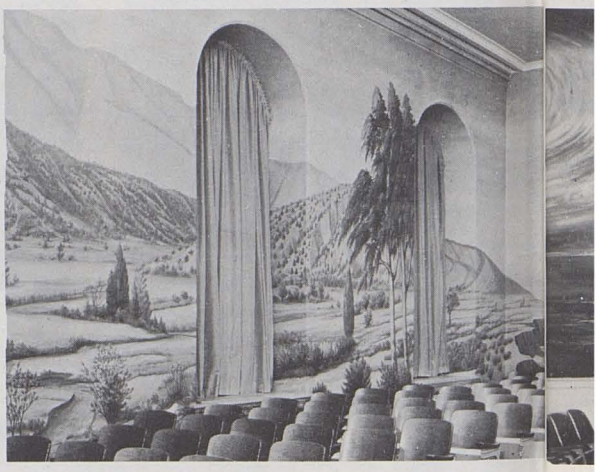
Uma das características que distinguem a Igreja Restaurada de Jesus Cristo é a natureza eterna de suas ordenanças e cerimônias; por exemplo, de um modo geral, nas cerimônias matrimoniais civís bem como religiosas, os cônjuges são unidos sòmente "para a vida", ou "até que a morte os separe." Mas o amor é tão eterno quanto o espírito do homem; e se o homem sobrevive à morte, assim também o amor sobrevive.

Isto chama a atenção de quase todo interessado e investigador inteligente, particularmente quando reconhece que o amor — o atributo mais divino da alma humana —

Sala do Selamento, onde são realizados os casamentos para o tempo e a eternidade.



A fonte batismal do templo descansa sôbre doze bois fundidos em ferro.



Sala do Mundo no Templo

A Sala de Reuniões de Templo de Saint George.

será tão eterno quanto o próprio espírito. Assim pois, quando a pessoa morre, a virtude do amor persistirá, e aquêle que acreditar na imortalidade da alma ou na sobrevivência da personalidade após a morte, terá que admitir também que o amor persistirá.

Lògicamente, seguir-se-á outra pergunta: E a quem amaremos no mundo vindouro? Respondendo esta pergunta, uma senhora americana que encontrei em companhia do seu marido, há muitos anos durante uma viagem ao Pacífico Sul, replicou: 'Devemos amar a todos."

"Sim", respondi, "também aqui nesta vida devemos amar a todos." Isto é um mandamento do Salvador, amar o próximo como a si mesmo. Mas se as coisas terrenas são semelhantes às coisas celestiais, então no mundo espiritual reconheceremos as pessoas amadas e as amaremos como as amamos aqui. Amo minha espôsa mais do que os outros. Amo meus filhos. Posso sentir simpatias; posso sentir desejo de ajudar a humanidade, mas amo-a por permanecer em vigília ao lado da cama do ser amado enfêrmo, ou talvez à morte. Tais experiências unem os corações e é uma coisa gloriosa podermos acalentar a esperança de que a morte não poderá separar os vínculos de tais corações; pois cada um de vocês reconhecerá sua espôsa no outro mundo e alí irá amá-la como a amou aqui e com ela iniciará vida eterna na ressurreição. Por que a morte os iria separar se o amor continua depois dela?

Isso não deve e não precisa acontecer, pois quando Jesus viveu na terra, disse aos apóstolos: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus: o que ligares na terra, será ligado nos céus; e o que desligares na terra, será desligado nos céus." (Mat. 16:19) E com a restauração do Sacerdócio sôbre a terra, a Igreja afirma que êsse poder foi dado novamente a homens escolhidos, e que na casa do Senhor onde é realizada a cerimônia matrimonial por aquêles autorizados a representar nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, a união entre marido e espôsa e entre pais e filhos se efetiva pelo tempo e pela eternidade, isto para que aquêles que assim são casados, a família possa durar por tôda a eternidade.

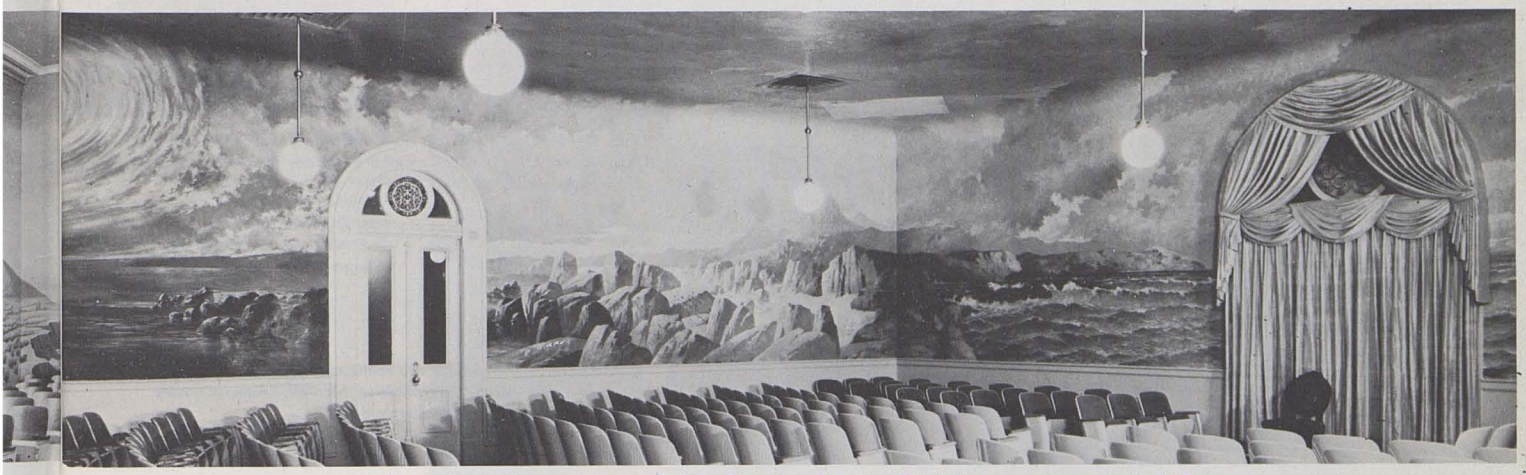
Êste é um dos propósitos dos templos.

Há um outro propósito ainda — não tão fácil de ser entendido pelos investigadores até que vislumbrem um pouco da justiça divina ou até que lhe perguntemos: "Você pensa ser justo que Deus exija de mim o cumprimento de certos princípios e ordenanças para poder entrar no seu reino e permita que você ingresse no seu reino sem obedecer a êsses princípios e ordenanças?"

Aquêles que aceitam Jesus Cristo nosso Senhor, como o autor da salvação: os que aceitam seus ensinamentos — sejam quais forem — com respeito à necessidade de obediência a certos princípios, são obrigados a admitir que todos têm que cumprir certas ordenanças fundamentais ou então ninguém terá necessidade de cumpri-las. Isto é evidente.

As Escrituras, como todos sabem, oferecem ampla evidência de que o Salvador referia-se a um plano eterno; por exemplo, quando Nicodemos, membro do sinédrio — pessoa que evidentemente ouviu as pregações do Salvador e que provàvelmente o seguia — foi ter com Jesus, e impelido pelo desejo de saber o que êste possuia e que os saduceus e fariseus não tinham, prestou seu testemunho e indagou: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer êstes sinais que tu fazes, se Deus não fôr com êle". E seguiu-se um diálogo no qual certamente surgiu a pergunta de Nicodemos, "E o que devo fazer?" E uma das afirmações mais notáveis que encontramos nas Escrituras foi apresentada como resposta: "...aquêle que não nascer de nôvo, não pode ver o reino de Deus." E "perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho?" Todos os cristãos crêem ou deveriam crer no que Jesus respondeu: "...Quem não nascer da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus." (João 3:2-5) E isto é verdade.

As palavras ditas por Jesus a Nicodemos são aceitas



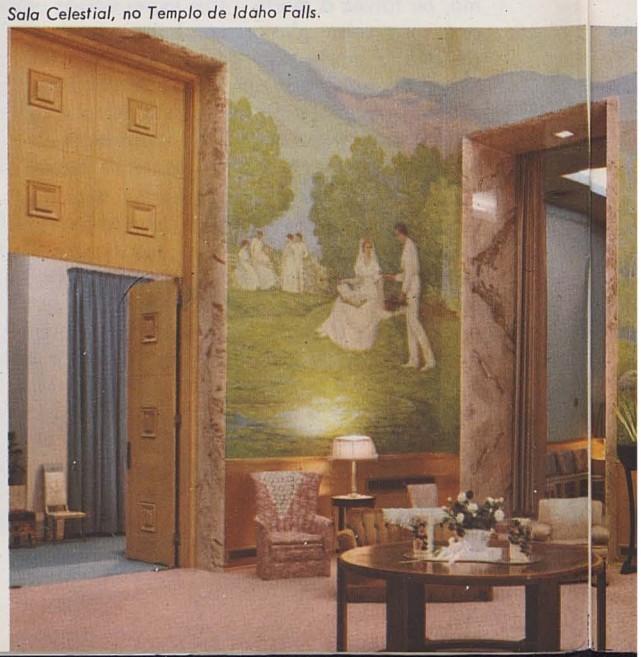
Os murais coloridos que decoram a Sala da Criação no Templo de Salt Lake representam a criação da Terra

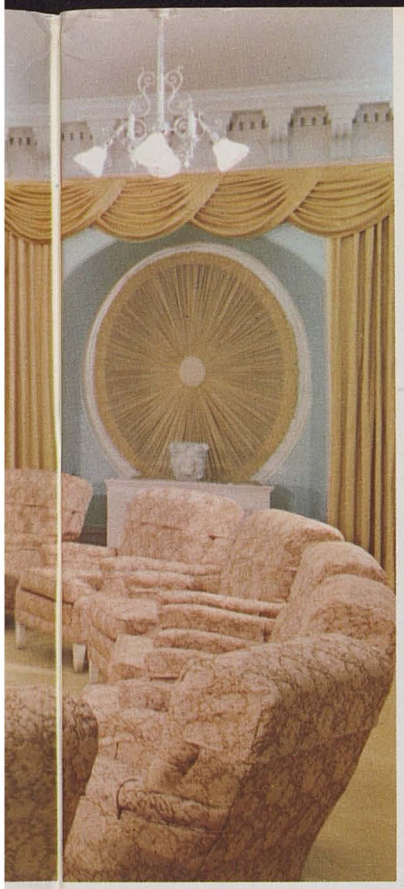
Esta é a Sala do Conselho, no Templo de Salt Lake, onde a Primeira Presidência e o Conselho dos Doze reunem-se tôdas — as manhãs de quinta-feira.

Os casamentos nos templos são realizados em salas como esta do Templo de Manti (pronuncie-se Mantai). Aqui,os casais são selados para o tempo e a eternidade.

As fotos são direitos reservados Reprodução proibida.

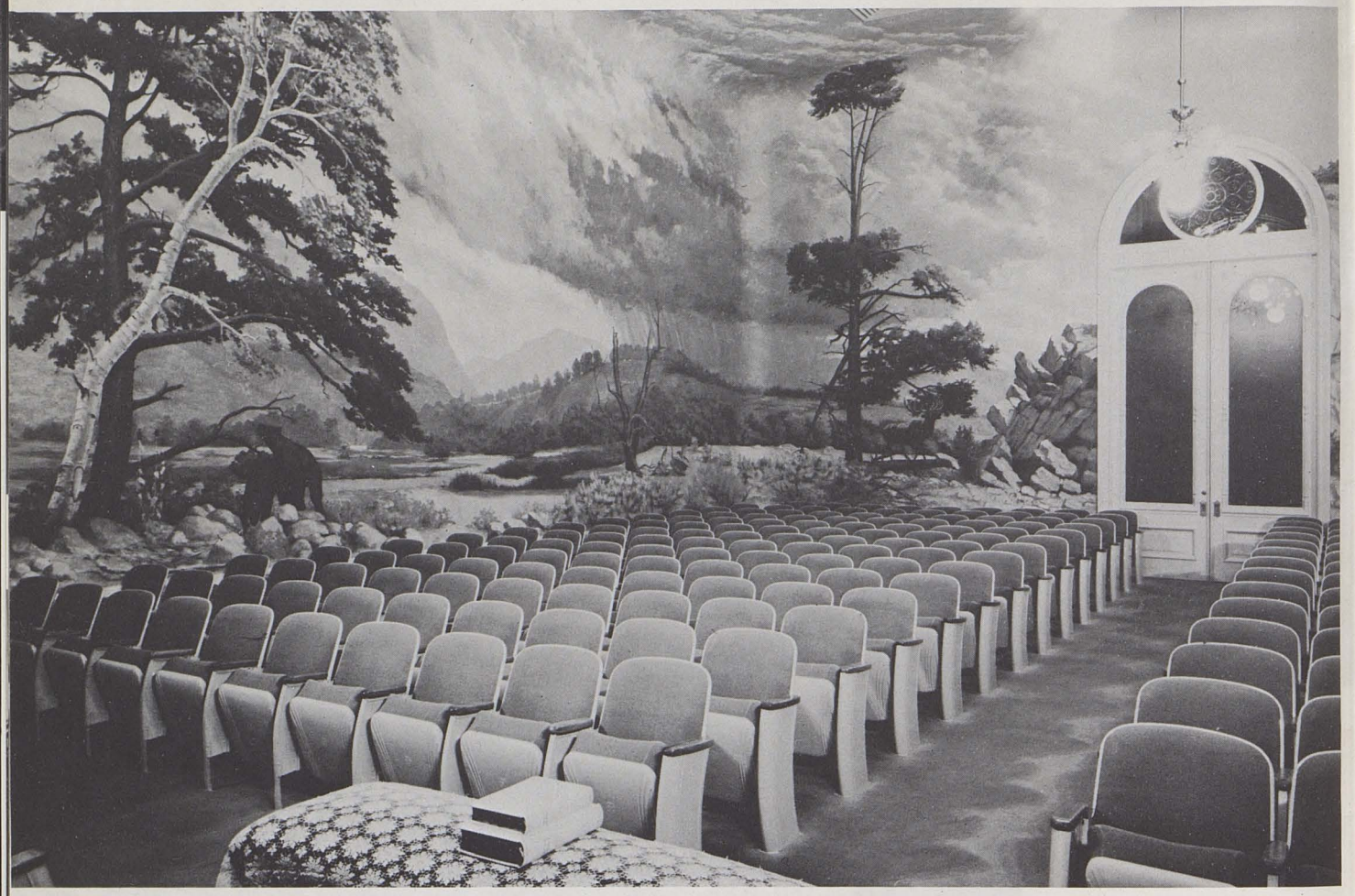
Sala Celestial, no Templo de Idaho Falls.





Sala Celestial, no Templo de Salt Lake. Estas salas explêndidamente mobiliadas simbolizam o estado de exaltação que o homem pode alcançar por viver segundo os principais de salvação do Evangelho.

Na Sala Terrestrial, como esta no Templo de Salt Lake, são ministradas instruções concernentes à eterna jornada do homem.



A Sala do mundo no Templo de Salt Lake simboliza o desolado e sombrio mundo para o qual Adão e Eva foram expulsos após terem comido do fruto proibido.

em seu sentido literal pelos membros da Igreja. As Escrituras não fazem distinção entre os vivos e os mortos. Esta é uma lei de âmbito universal, excetuando-se sòmente as crianças que tiverem falecido quando ainda pequenas, porque não têm pecados a expiar. A fim de proporcionar um recurso de salvação para todos, os templos oferecem a oportunidade de os vivos poderem ser batizados em benefício dos já falecidos.

Na epístola de Paulo aos Coríntios encontramos a prova de que tal obra vicária era realizada nos primórdios da Igreja Cristã: "Doutra maneira que farão os que se batizam pelos mortos se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam êles pelos mortos?" (1 Cor. 15:29)

O mundo pseudo-cristão tem discutido sôbre o significado dêsse texto tão simples e muitos comentaristas têm tentado invalidar a sua verdadeira aplicabilidade a todo ser humano dentro dos ensinamentos do Salvador.

Insistimos que, se o batismo é essencial para um, o é para todos. Então poderá surgir a pergunta que fêz um estudante chinês, conversando com certo ministro protestante, "E o que acontecerá aos meus ancestrais que jamais ouviram falar em Jesus Cristo?"

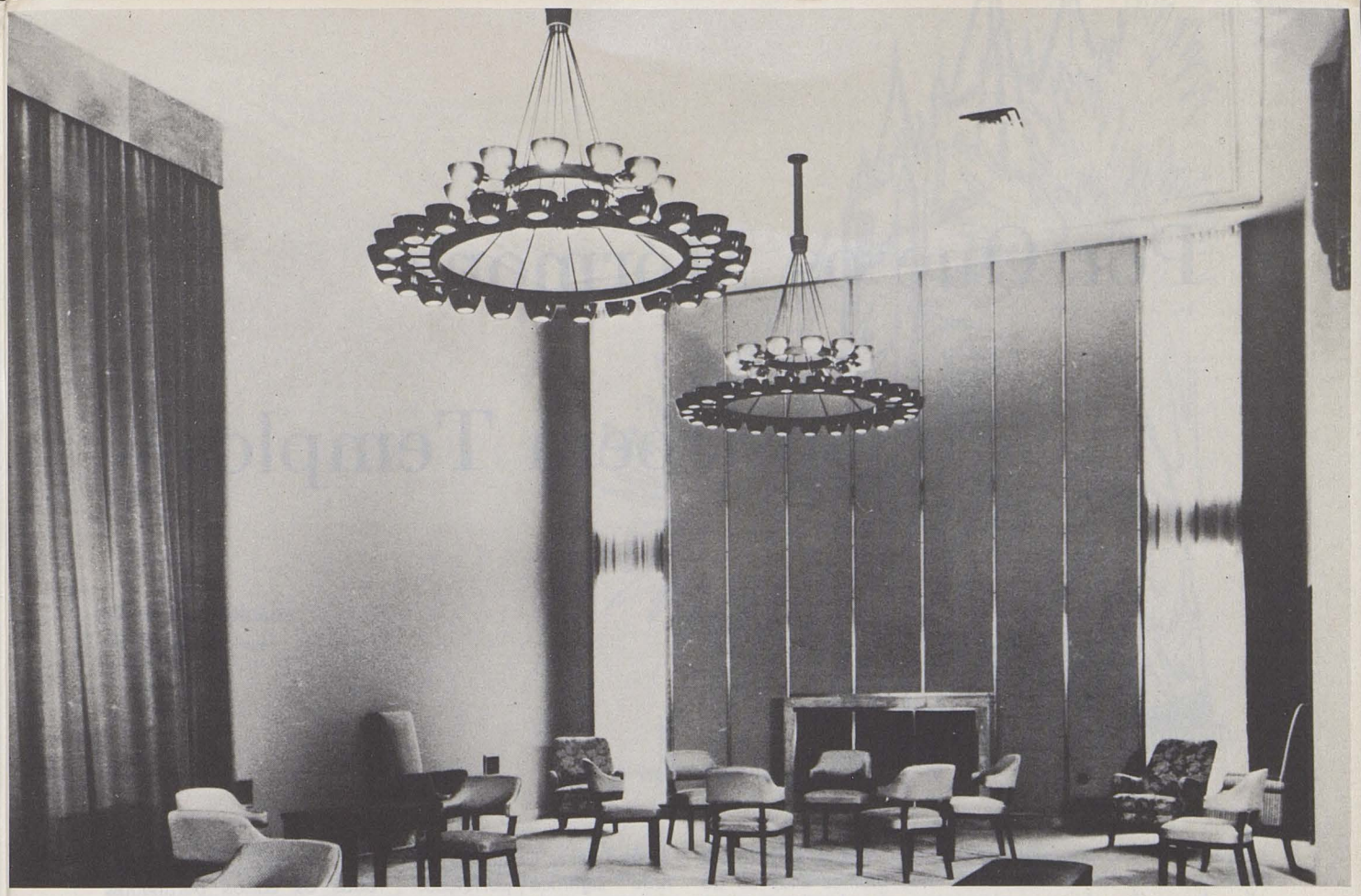
"Oh," foi a resposta, "estão todos perdidos."

Isto ofendeu o senso de justiça do estudante chinês, pois replicou imediatamente: "Não quero saber mais nada de uma religião tão injusta!" Caso aquêle professor ou doutor chinês tivesse feito essa pergunta a um élder mórmon, êste lhe responderia: "Êles terão oportunidade de conhecer o Evangelho e ser batizados, para que possam nascer da água e do Espírito e assim também entrar no reino de Deus."

O que será de seus ancestrais mais remotos que nunca ouviram falar de Jesus Cristo? O que será dos milhões de sêres que morreram sem terem ouvido seu nome? São todos filhos do nosso Pai, assim como você e eu. Condená-los a permanecer fora do reino de Deus para todo o sempre pelo fato de não terem tido a oportunidade de ouvir falar de Jesus Cristo será decisão de um Pai Amoroso?

Não, certamente não. "Cremos que... tôda a humanidade pode ser salva pela obediência às leis e ordenanças do Evangelho." Cremos também que aquêles que morreram sem conhecer o Evangelho durante sua vida mortal terão a oportunidade de ouvi-lo no outro mundo.

Para onde foi Cristo, enquanto seu corpo permanecia na tumba? O apóstolo Pedro nos conta que foi pregar aos espíritos em prisão, que em outros tempos foram de-



A Sala Celestial no Templo de Londres.

sobedientes, nos dias de Noé enquanto a arca estava sendo preparada. (Pedro 3:19-20) Os que haviam morrido há milhares de anos ainda viviam no mundo espiritual e o Evangelho foi levado a êles como será levado a todos os filhos de nosso Pai.

E êste é o outro propósito dos templos. Você poderá ter a oportunidade de reunir os nomes de seus ascendentes, os quais, batizados por procuração, poderão tornar-se membros do reino de Deus em outro mundo como nós o somos neste.

Desde a restauração dêsse princípio e dessa prática, os membros da Igreja têm examinado zelosamente os registros do mundo em busca da história de seus ancestrais a fim de que seus antepassados possam receber através das ordenanças vicárias, as bênçãos do Evangelho de Cristo. Em conexão com essa obra, a Igreja mantém uma extensa organização genealógica.

Êsses dois magnos propósitos — casamento para a eternidade, selando a família para o tempo e para a eternidade, e franqueando a entrada do reino àqueles que morrem sem ter tido oportunidade de aceitar o Evangelho de Jesus Cristo e suas ordenanças essenciais quando ensinados corretamente, com seriedade e com sinceridade de coração, despertarão o senso de justiça daqueles que amam a verdade.

Além dêsses, existe o "endowment", que também é uma ordenança do templo pertinente à jornada eterna do homem, suas possibilidades e progresso ilimitados que um Pai justo e amoroso providenciou para os filhos criados à sua imagem — para tôda a humanidade.

É por isso que os templos são edificados.

Que Deus nos ajude a apreciar o Evangelho Restaurado de Jesus Cristo em tôda a plenitude de sua justiça e misericórdia e glorioso plano eterno. Abrange todo o propósito e significado da vida, com suas grandes ordenanças salvadoras e enobrecedoras, as quais elevarão o indivíduo ao auge de suas possibilidades aqui e no além na eterna companhia dos que ama e na presença de Deus.

Oro com tôda a fôrça de minha alma, que todos os membros da Igreja, seus filhos e filhos de seus filhos — todos os homens de tôda a parte — possam ao menos captar o vislumbre da glória da habitação do Senhor e que tenham a sabedoria de compreender e fôrças de aplicar os princípios do Evangelho de Jesus Cristo, que são eternos e apropriados a tôdas as pessoas no desenvolvimento daquela espiritualidade que trará paz na terra e boa vontade para com os homens.

Por Que os Mórmons Constroem Templos?

Alguma vez, ao visitar os templos erigidos pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias ou ao olhar fotografias dos mesmos, você sentiu a curiosidade de saber por que êsses edifícios são construídos?

Êsses templos são diferentes de todos os demais edifícios do mundo. Naturalmente belíssimas estruturas têm sido erigidas por outros povos e algumas tem recebido o nome de templo, mas nenhuma delas tem o propósito nem as funções dos templos mórmons.

Por que os santos dos últimos dias constróem êsses templos? Como são usados? Para reuniões de culto ou para rituais? O que realmente acontece em seu interior? Por que os santos dos últimos dias investiram tanto tempo, esfôrço e dinheiro em tais projetos?

Por mais de um século levaram avante êsse trabalho de construção de templos. Começou na época de Joseph Smith que erigiu dois dêsses edifícios e projetou mais dois, todos êles localizados no centro-oeste dos Estados Unidos.

Chegando ao oeste, os santos dos últimos dias continuaram essa obra e poucos anos mais tarde completaram a construção de quatro templos em Utah. Depois então edificaram outros em Idaho; Arizona; Los Angeles; Alberta; Canadá; Havaí; Suiça; Inglaterra; Nova Zelândia e Oakland; além dêstes serão construídos mais dois em Ogden e Provo, Estado de Utah. Deverão estar terminados em 1970.

Representam um investimento de muitos milhões de dólares. Os membros da Igreja os têm construído nos bons e nos maus tempos, nas épocas de penúria e aflições, sempre agindo de conformidade com o espírito de adoração e gratidão, pois estão obedecendo à vontade do Senhor. Os santos dos últimos dias declaram que, através do Profeta Joseph Smith, a plenitude do Evangelho do Senhor Jesus Cristo foi restaurada na terra. Esta "plenitude" significa perfeição. Tôdas as coisas pertinentes ao Evangelho na antiguidade foram dadas ao homem da atualidade por meio dessa restauração.

Nos tempos bíblicos, as ordenanças sagradas para a salvação da antiga Israel eram administradas em edifícios consagrados. Essas construções não eram sinagogas nem outro local comum de culto, mas construídas especialmente para êsse propósito particular. Enquanto o povo errava pelo deserto, usava um tabernáculo portátil. Êste tabernáculo era chamado de "templo do Senhor", e foi ali que a mãe de Samuel orou. (I Sam. 1:9). Quando se estabeleceram e conseguiram um govêrno permanente, construiram em Jerusalém um templo glorioso para substituir o primeiro.

À semelhança dos tempos bíblicos, o Senhor novamente nos proporcionou essas ordenanças para a salvação de todos que crerem e ordenou que fôssem construídos templos onde êsses ritos sagrados pudessem ser realizados.

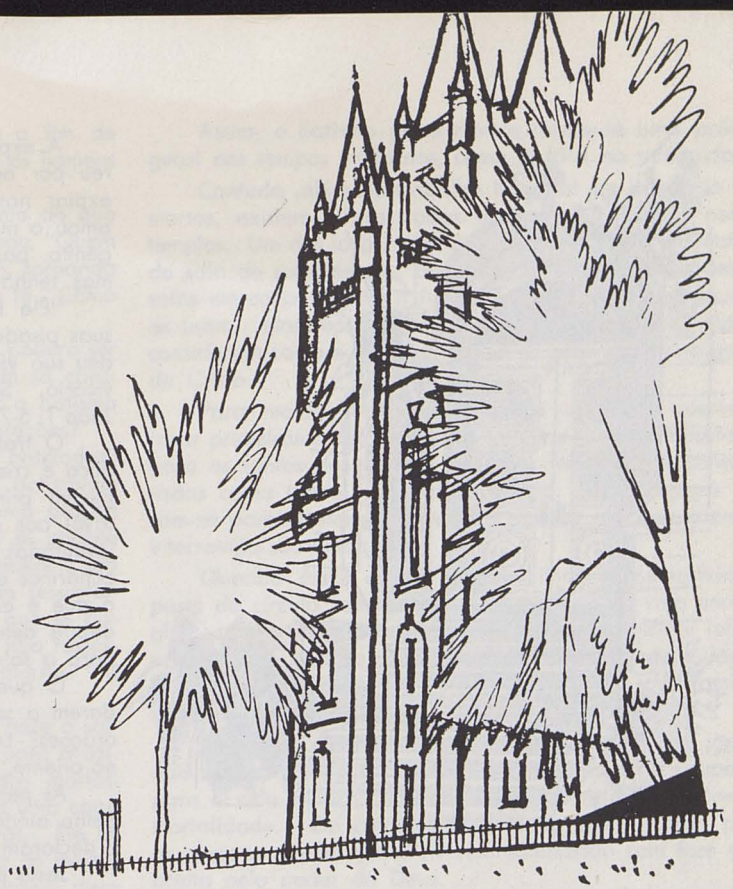
Antigamente, para obter as bênçãos do Senhor, era necessário que a pessoa fizesse duas coisas:

(1) Viver a vida correta descrita nos mandamentos do Senhor, e

(2) Participar das ordenanças salvadoras administradas pelos servos do Senhor, realmente autorizados.

Ainda que algumas dessas ordenanças pudessem ser cumpridas em qualquer parte, outras eram tão sagradas que o Senhor exigia que fôssem realizadas em edifício especialmente construído para tal fim, como a princípio, no tabernáculo ou templo e mais tarde no grande templo que o substituiu.

Ali o Sacerdócio ministrava os ritos solenes. Nem todos podiam entrar, apenas os comprovadamente dignos.



Mark E. Petersen
do Conselho dos Doze

Os que oficiassem sem autorização sofriam a ira de Deus. As ordenanças sagradas nunca foram completamente conhecidas pelo mundo em geral; eram por demais sagradas, mas os escolhidos e fiéis participavam de tôda solenidade.

Quando o Evangelho foi restaurado nestes últimos dias, através do Profeta Joseph Smith, também o foram a construção dos templos e ordenanças ali cumpridas. O Profeta ensinou aos santos dos últimos dias que poderiam obter a glória celestial no mundo eterno, mas sòmente através da "obediência à lei celestial e também à lei completa."

Falando ao povo em 8 de abril de 1844, o Profeta Joseph Smith disse que as ordenanças no templo que lhes estava dando eram tão importantes que "sem elas não poderíamos obter os tronos celestiais. Mas tem que haver um lugar sagrado preparado para êsse propósito." (DHC 6:318-20)

Portanto, sem templos não seria possível proporcionar as bênçãos. E conseqüentemente a solução seria os santos construirem templos e isto foi o que o Senhor lhes ordenou.

Unidos, começaram a trabalhar, e o primeiro foi construído em Kirtland, Ohio. Apesar de ter sido dedicado em 1836 ainda existe atualmente, mas não pertence mais à Igreja.

O templo de Kirtland foi apenas preparatório, onde muitos dos ritos sagrados foram revelados. Desde que tinha a função apenas preparatória e desde que a maior parte das obras ficaram reservadas a outros templos, êle não foi edificado conforme o plano adotado nos edifícios posteriores. Não havia fonte batismal, por exemplo, nem salas para casamentos e outras ordenanças importantes. Foi construído mais como local para reuniões de culto.

As perseguições forçaram os santos a deixar Kirtland e o templo teve que ser abandonado. Fixaram-se no Condado de Jackson, no Missouri, e lá dedicaram o local para construção de um templo, mas as perseguições evitaram que fôsse construído. Passaram-se para Far West, no mesmo Estado, perto de Independence e chegaram a lançar a pedra fundamental de um terceiro templo, mas também ali a perseguição interferiu no trabalho.

Mudaram-se para Nauvoo, Illinois, ainda sob a direção do Profeta Joseph Smith, e lançaram a pedra fundamental do quarto templo e desta vez conseguiram concluí-lo, a despeito da oposição de seus inimigos que martirizaram o Profeta e seu irmão, o Patriarca Hyrum.

Atravessando as planícies para Utah, os santos dos últimos dias prosseguiram a construir templos com incansável fervor. Desejavam a salvação na presença de Deus. Compreendiam que as ordenanças no templo eram essenciais para essa salvação e por isso não mediam esforços para construir os edifícios onde pudessem obtê-las.

Mas por que um templo seria tão essencial para a salvação do homem? Teria sido assim nos tempos antigos? Qual o papel que coubera ao templo de Jerusalém na vida religiosa da antiga Israel?

Sabemos com certeza que o templo de Jerusalém foi mais do que uma sinagoga. Sabemos que era um lugar sagrado onde sòmente o Sacerdócio podia ministrar. É sabido que o seu "Santo dos Santos" era reservado aos mais fiéis. É fato conhecido que as ordenanças ali administradas não se relacionavam de forma alguma com o culto das sinagogas. Também admite-se que alí não se permitia o ingresso de curiosos e não-iniciados.

O templo de Jerusalém foi profanado por pessoas indignas que alí se instalaram para negociar na época de Jesus, como o relatam as Escrituras. Foram êsses fatos

que tanto indignaram o Salvador e o fizeram expulsá-los do templo dizendo: "Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; mas vós a tendes convertido em covil de ladrões" (Mateus 21: 13)

Os templos edificados nos últimos dias são igualmente sagrados e por isso também são reservados apenas para os membros mais fiéis da Igreja.

Mas o que acontece num templo? Naturalmente tudo o que não seja público, suscita curiosidade.

Quando concluídos, os templos são abertos à visitação pública e milhares de pessoas já os visitaram e admiraram sua beleza. Depois que são dedicados e se iniciam as atividades usuais não se permite mais interrupções para visitas de grupos de turistas.

Ao percorrerem as salas, antes da dedicação dos templos, os visitantes recebem explicações sôbre os trabalhos a que se destinam.

O ponto que mais chama a atenção é sempre a fonte batismal. Em todos os templos, essa fonte se apóia sôbre o dorso de doze touros de bronze ou pedra, obedecendo nisso e quanto aos demais detalhes ao modêlo dado pelo Profeta Joseph Smith ao instituir a construção de templos em sua época, sob a orientação do Senhor.

Por que existe uma fonte batismal nos templos? As pessoas não podem ser batizadas em qualquer lugar?

As pessoas vivas, sim. A fonte nos templos destina-se aos batismos vicários realizados em favor dos mortos.

Batismo pelos mortos? Isto faz parte da doutrina cristã?

Na epístola aos hebreus, o autor fala sôbre os antepassados dos fiéis e depois declara, "para que êles sem nós não fôssem aperfeiçoados" (Hebreus 11:40), demonstando que existe uma relação explícita entre a salvação dos vivos e dos mortos.

Muita gente acredita em alguma forma de obra vicária pelos mortos, e acende velas ou faz orações por êles.

A expiação de Cristo foi uma obra vicária. Êle morreu por nós, para que pudéssemos viver. Sofreu para expiar nossos pecados. Foi um sacrifício vicário. "Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquêle que nêle crê não pereça, mas tenha a vida eterna." (João 3:16)

"Êle foi ferido pelas nossas transgressões... pelas suas pisaduras fomos sarados." (vide Isaías 53: 3-12) Êle deu sua vida em resgate por nós (Mt. 20:28), uma oferta vicária. Seu sangue nos purifica de todo o pecado. (1 João 1: 5-7) Com sua morte fomos redimidos (João 5: 9-10)

O trabalho vicário pelos mortos é uma doutrina bíblica e cristã E se os homens pretendem dêle participar, devem primeiro determinar qual o tipo de serviço aceitável aos olhos de Deus. É óbvio que tôdas as formas inventadas pelo homem não podem ser aprovadas. Para acharmos a solução desta questão devemos nos perguntar o que é exigido para a salvação de uma pessoa viva e depois determinar se o Senhor estabeleceu algo diferente para a salvação dos mortos.

O que diz a Bíblia sôbre a maneira dos vivos ajudarem a salvar os mortos? É acendendo velas? Fazendo orações? Levando alimento ao túmulo, como é costume no oriente, ou utensílios para viagem ou armas de guerra?

As pessoas que morrem sem terem conhecido o Evangelho ainda podem ser salvas na presença de Deus. Isto, o declaram as Escrituras. Mas de que forma? Eis a questão.

Jesus pregou aos mortos. Quem o disse foi o apóstolo Pedro dizendo que, após a morte do Salvador e enquanto seu corpo permaneceu no túmulo, o Senhor, como espírito, foi ao reino dos mortos e lá pregou aos espíritos dos que viveram na terra antes de sua vinda. (I Pedro 3:18-20)

Em seguida explica os motivos dessa pregação: "Porque por isto foi pregado o Evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fôssem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito." (Id. 4:6)

Essas passagens notáveis esclarecem, pois, que:

(1) Jesus era um Personagem formado de carne e espírito como todos nós.

(2) Quando Jesus desceu ao reino dos mortos, continuava sendo êle mesmo, uma pessoa, o humilde "carpinteiro de Nazaré", ainda que espírito despojado do corpo de carne e ossos que havia sido crucificado.

(3) Os mortos — mesmo os que morreram no dilúvio — também eram pessoas dotadas de inteligência, guardando sua individualidade, ainda que espíritos como Jesus.

(4) Êsses mortos continuam na posse de sua razão e suas faculdades mentais a ponto de poderem ouvir o Evangelho como os homens na carne, apesar de viverem num mundo de espíritos, e que viviam e continuavam ativos e capazes de escolher entre aceitar ou rejeitar os ensinamentos de Cristo.

(5) Jesus ensinou-lhes o Evangelho, sua oportunidade de salvação.

(6) Tendo ouvido o Evangelho, puderam aceitar ou rejeitá-lo e assim serem "julgados conforme os homens na carne." Se o aceitassem, podiam então "viver no espírito, segundo Deus" como as Escrituras indicaram.

Agora, quais são os requisitos exigidos pelo Evangelho para a salvação das pessoas vivas?

Têm que "viver segundo Deus" enquanto na carne, cumprindo tanto as leis quanto as ordenanças, incluindo, por exemplo ordenanças tais como o batismo na água.

O batismo é necessário?

Jesus assim o considerava e foi batizado a fim de "cumprir tôda a justiça." (Mat. 3:15) Será que os homens poderão fazer menos do que êle fêz?

Os discípulos de Jesus batizaram mais gente do que João Batista. (João 4:1-2) E foi Jesus quem ensinou, "Quem crer e fôr batizado será salvo" (Marcos 16:16), tornando o batismo tão essencial para a salvação como a fé. Como poderemos ignorar o batismo?

Se o batismo é tão essencial para os vivos, poderá ser menos essencial para os mortos? Ou supor, em sã consciência, que outro rito qualquer possa substituir o batismo como, por exemplo, acender velas ou fazer orações?

Mas de que forma os mortos poderão ser batizados? A história nos conta que os cristãos primitivos batizavam pessoas vivas em proveito dos mortos. Era uma prática comum. Era assim na época de Paulo. E êle se utilizou dêste costume dos primitivos cristãos como evidência da ressurreição dos mortos. Aos que duvidaram da ressurreição êle disse, "Doutra maneira, que farão os que se batizam pelos mortos, se absolutamente os mortos não ressuscitam? Por que se batizam êles então pelos mortos?" (I Cor. 15:29)

Esta, então, é a verdadeira doutrina cristã para a salvação dos mortos. A mesma ordenança usada para a salvação dos vivos foi usada também para a dos mortos. Nada de nôvo foi introduzido, Deus não pediria uma coisa para os mortos e outra diferente para os vivos. Êle os tratava de modo igual e podia, portanto, julgar os mortos perfeitamente segundo os homens na carne, como disse Pedro, mesmo enquanto viviam no mundo espiritual.

Visto que o Evangelho fôra pregado aos mortos, suas ordenanças também podem por êles serem obtidas.

Desde que o batismo requeria a imersão na água para todos, sejam vivos ou mortos, e desde que não havia meio de batizar os mortos pessoalmente, os vivos eram batizados pelos mortos e em seu benefício.

Como parte da restauração do Evangelho nestes últimos dias, o Senhor revelou essa doutrina e prática ao Profeta Joseph Smith e ordenou-lhe que construísse templos nos quais êsses ritos pudessem ser realizados.

Isto aconteceu na época em que os santos viviam em Nauvoo, Illinois. Obedecendo aos mandamentos do Senhor, prepararam-se para construir seu templo naquela cidade. Deram preferência à conclusão das partes inferiores do edifício onde construiram sua primeira fonte batismal. Tencionavam erigir um belo recinto permanente para êsses batismos vicários e mais tarde o realizaram. Mas enquanto preparavam a estrutura permanente, ergueram uma temporária, de madeira, e nela realizaram essas ordenanças sagradas pelos mortos sob a direção pessoal do Profeta Joseph Smith.

Assim foi instituída uma das mais importantes práticas cristãs, e que fôra ignorada e esquecida desde os dias de Pedro e Paulo, mas que era essencial e fundamental no plano de Deus para a salvação de seus filhos.

Sem ela como poderia salvá-los? Todos foram feitos à sua semelhança e todos teriam que ser tratados com imparcialidade, todos teriam de cumprir as mesmas condições para serem salvos em sua presença.

O Salvador declarou pessoalmente que era o Deus tanto dos vivos quanto dos mortos, "porque para êle todos vivem," (Lucas 20:38), mostrando que considera a todos sob o mesmo aspecto.

Assim, o batismo pelos mortos tornou-se uma prática geral nos tempos modernos, como o fôra na antiguidade.

Contudo ,além do trabalho batismal em benefício dos mortos, existem outras coisas de grande interêsse nesses templos. Um dos locais mais procurados é o que chamamos de sala de selamentos. Em geral há cinco ou seis dessas salas em cada templo, a fim de acomodar as pessoas que as usam. Elas representam, de certo modo, o que alguns consideram como o mais básico dos princípios do Evangelho de Cristo.

Para maior entendimento dessa doutrina, queremos frisar primeiramente que a vida familiar é muito importante para os santos dos últimos dias. As famílias são consideradas como tendo importância eterna. Os cônjuges casam-se para a eternidade e não apenas até que a morte interrompa sua união.

Quando êsses casais tiverem filhos, êstes tornam-se parte do círculo familiar que se projetará na vida eterna, além da morte e da ressurreição. Como indivíduos felizes e amorososo levarão consigo para a imortalidade tôdas as virtudes e bênçãos de um bom lar, pois que a vida familiar se tornará parte da nossa existência celestial.

Os santos dos últimos dias crêem que o Senhor jamais quis que o casamento fôsse um arranjo temporário apenas para a vida mortal. O casamento foi instituído antes da mortalidade. Êle continuará além da mortalidade, para as pessoas dignas que o tiverem solenizado com êsse propósito pelo poder de Deus.

O primeiro matrimônio foi o de Adão e Eva. Reali-

zou-se enquanto viviam no Jardim do Éden, quando não havia como agora há, nem mortalidade nem morte. Foi realizado pelo poder eterno de Deus sôbre o qual a morte não poderá impor limitações.

Quando, mais tarde, Adão e Eva desobedeceram ao Senhor, sua transgressão provocou uma transformação em sua condição física, que permitiu a morte. Em outras palavras, tornaram-se mortais. Desde que seu casamento precedeu à morte e foi solenizado pelo poder de Deus, êle também sobreviveu a ela. Era uma união eterna.

Será que outras pessoas poderão ter o mesmo casamento eterno, como o foi o de Adão e Eva? Sim, caso a cerimônia seja realizada pelo poder ilimitado de Deus. Naturalmente os casamentos contraídos "até que a morte os separe" são uniões apenas temporárias e terminam com a morte. Compreende-se que as pessoas que efetuam os casamentos até que a morte separe o casal retêm a autoridade limitada sòmente a isso. Não possuem poder para unir para a eternidade. Mas existe, entre os homens, um poder que pode unir os casais eternamente. Por certo vocês recordam que antes de sua ascenção Jesus deu aos apóstolos o poder de, o que ligassem ou selassem na terra seria ligado ou selado nos céu. (vide Mat. 16:19; 18:18; João 6:27; Rom. 15:28; 2 Cor. 1:22; Efe. 1:13; 4:30.)

Os apóstolos chegaram a exercer êsses poderes? Tudo o que fizeram pela autoridade de seu Sacerdócio tem validez eterna. Por exemplo, mesmo que um homem fôsse batizado, recebia uma bênção eterna. Ou será que alguém pode afirmar que o batismo se refere apenas à mortalidade? O batismo não é essencial para nossa salvação na presença de Deus? E essa salvação não é assunto que pertence à eternidade?

Portanto, êsses apóstolos divinamente autorizados e ordenados executavam ações aqui na terra válidas também nos céus. Isto significa que as ações por êles realizadas na terra, afetavam os indivíduos, não sòmente nesta vida mas também no reino celestial de Deus, após suas mortes.

Isto fazia parte do plano do Senhor, do contrário por que teria dado aos apóstolos os podêres de ligar tanto no céu quanto na terra?

O significado desta questão é acentuado ainda mais quando meditamos sôbre o princípio do batismo vicário pelos mortos. Não devemos esquecer que Pedro disse que o Evangelho fôra pregado aos mortos a fim de que pudessem viver no mundo espiritual segundo Deus e ainda serem julgados segundo os vivos na carne.

O batismo pelos mortos foi providenciado como recurso para ajudar a fechar a lacuna entre "viver segundo Deus" no mundo espiritual e estar sujeito aos padrões estabelecidos para os homens carnais. Quanto à salvação, os vivos e os mortos foram colocados num mesmo plano, mas para que isto fôsse possível havia necessidade de um tipo de autoridade sacerdotal, reconhecido tanto nesta vida quanto na vida por vir. Daí a necessidade de revestir os apóstolos com êsse poder de ligar ou selar em ambas as esferas.

Da mesma forma como êsse princípio diz respeito ao batismo, também o faz quanto ao casamento. O casamento é ordenado por Deus. (vide Gên. 1:28; 2:24-25; 9:1,7; 35:11; Hebr. 13:4.) O Todo Poderoso em pessoa realizou o primeiro casamento como já dissemos, antes que existisse a condição da mortalidade. Foi Êle que deu Eva a Adão e depois lhes ordenou que se multiplicassem e povoassem a terra.

Ao realizar êsse primeiro casamento, é claro, o Senhor exerceu seus próprios poderes eternos mas, posteriormente, concedeu a seus apóstolos ordenados uma parte dêsse poder, a fim de que pudessem executar atos que tivessem validade também eterna.

Admite-se que êsse poder eterno torna os benefícios do batismo perpétuos. Haverá alguma razão pela qual o mesmo poder não possa dar validade eterna ao matrimônio instituído pela mesma entidade que instituiu também o batismo?

Deveria dar e dá. Os cônjuges podem ser ligados para o tempo e tôda a eternidade pelo poder dêsse Sacerdócio e da mesma forma os filhos são ligados aos pais para sempre. E assim as famílias podem ficar unidas eternamente. Os casais não precisam interromper sua ligação feliz com a morte. Nem os filhos necessitam de ficar órfãos para sempre.

Da mesma forma como o batismo os poderá levar à presença de Deus, assim essa ordenança de ligação ou selamento do casamento poderá preservá-los como unidade familiar.

Os céus poderiam ser perfeitos para qualquer um de nós se fôssemos privados da presença de nossos amados, se os mais sagrados e afetivos laços da vida fôssem rompidos?

Deus é amor. Êle preserva o amor. As nossas relações familiares fundam-se no amor. E Êle, que estabeleceu tais laços, também os preservará em seu reino.

Por isso nossos templos contêm as chamadas salas de selamento, em que se realizam as ordenanças de ligamento ou selamento. Entre seus muros sagrados, o noivo e a noiva ajoelham-se junto ao altar e são selados ou unidos na ordem sagrada do matrimônio para tôda a eternidade.

Os pais que não tiverem sido selados antes do nascimento dos filhos, poderão trazê-los a essas salas, a fim de que a família possa ser selada para a eternidade pelos podêres do Santo Sacerdócio.

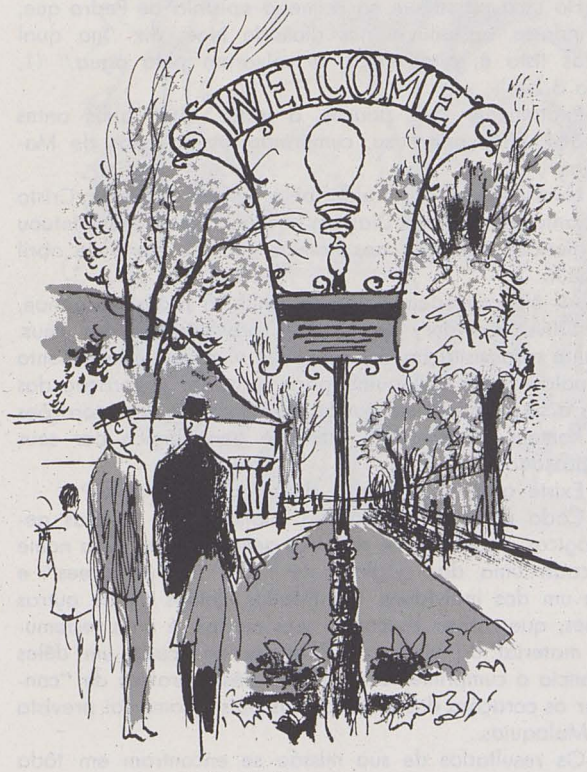
Mas, e as famílias que já não existem? Os cônjuges que já tiverem falecido poderão ser unidos novamente, mesmo depois que a morte destruiu seus laços matrimoniais? Os casamentos efetuados "até que a morte os separe" podem ser renovados em alguma base eterna e perpétua? Os filhos mortos poderão de alguma forma serem restituídos aos pais, também já falecidos, para que as famílias sejam unidas novamente no além?

O poder que liga na terra e no céu vigora tanto nesta vida quanto na vida futura. Proporciona as ordenanças necessárias aos vivos e aos mortos. Como estende o poder expiatório do batismo aos que vivem "segundo Deus, no espírito", assim proporciona também a ordenança do selamento do matrimônio dos mortos, oficiando os vivos em proveito de seus bem-amados falecidos.

Quem pode realizar essa obra vicária? Qualquer pessoa pode dela participar?

Repetimos, a casa do Senhor é uma casa de ordem. O Senhor não admite confusões. Para que haja perfeita ordem, foi ordenado que todo homem e mulher podem realizar essa obra de amor pelos próprios parentes já falecidos.

Mas, de que maneira? Responderemos, perguntando, quem poderá conhecer melhor as pessoas falecidas do que seus parentes consangüíneos? Quem estará mais ansioso por ajudá-los?



Mas de que maneira podemos ajudá-los? Cada família preparando sua própria genealogia, providenciando a identificação necessária para a realização das ordenanças pelos mortos. As ordenanças realizadas adequadamente em favor de pessoas identificadas corretamente são aceitas pelo Senhor. Êle requer que tôda essa obra seja cumprida numa casa especialmente construída para êsse fim. Essas casas são chamadas templos.

Por que os santos dos últimos dias constróem templos? Para que ali possam receber essas bênçãos do selamento e realizar os batismos vicários de seus parentes e o selamento que lhes permitirá, conforme as palavras de Pedro, "viver segundo Deus no espírito" e ainda ser julgados segundo as oportunidades e padrões dos homens de carne.

Certa vez, abordando êsse assunto, o Profeta Joseph Smith ensinou ao povo: "Entretanto, para isso, deve haver um local especialmente construído para êsse propósito e para que os homens sejam batizados por seus mortos; . . . pois todo homem que desejar salvar seu pai, mãe, irmãos, irmãs e amigos, tem que cumprir tôdas as ordenanças para cada um dêles, separadamente, como por si mesmo." (DHC 6: 318-320)

Mas, como essa obra começou nos tempos modernos? Quais seus antecedentes mais detalhados?

Uma das grandes profecias bíblicas fala de certa missão em tempos modernos do antigo Profeta Elias que, assim está escrito, deveria voltar à terra nos últimos dias antes "do grande e terrível dia do Senhor." Sua vinda seria tão importante, diz a Escritura, que se êle falhasse a terra tôda seria ferida pela maldição.

Malaquias registra a profecia nas últimas linhas de seu livro. Diz o seguinte:

"Eis que eu vos envio o profeta Elias, antes que venha o dia grande e terrível do Senhor;

"E converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha e fira a terra com maldição." (Mal. 4:5-6)

Nessa profecia existem duas coisas interessantes.

Primeiro, define a época. Malaquias diz que Elias virá à terra antes do grande e terrível dia do Senhor. Estamos vivendo no período imediatamente anterior a êsse dia. Pelos sinais dos tempos sabemos que a vinda de Cristo está próxima. Então pelos mesmos indícios podemos saber que a vinda de Elias estava preparada para a época em que vivemos.

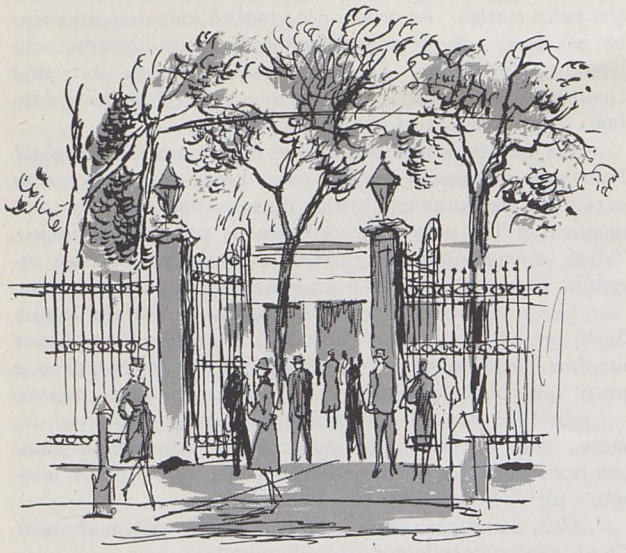
Resta a questão, se a sua vinda será no futuro ou se já veio no passado recente, e neste caso, a quem se mostrou.

Para isso encontraremos a resposta examinando a segunda coisa importante dessa profecia — o motivo de sua vinda.

Malaquias esboça claramente a missão de Elias — estabelecer um vínculo afetivo entre as gerações passadas e as atuais, "convertendo o coração dos filhos a seus pais." "Em outras palavras, o propósito específico da vinda de Elias seria criar no coração dos homens e mulheres vivos um interêsse pelos seus ancestrais.

Depois de estabelecer, pelas Escrituras, tão especìficamente o propósito de sua missão, resta determinar se já veio. Para isso, basta responder a esta pergunta:

Terá recentemente surgido um interêsse muito difundido entre as pessoas vivas com respeito a seus antepassados?



Se investigarmos e não encontrarmos indícios de tal interêsse, poderemos estar certos de que Elias ainda não veio. Por outro lado, se descobrirmos que existe atividade de pesquisa genealógica bastante difundida, podemos aceitá-la como evidência direta de que êle já veio.

Se os resultados de sua missão existem, podemos concluir que já veio, sua obra foi iniciada e a profecia cumprida.

Quais são os fatos neste caso?

O interêsse pela pesquisa genealógica existe. Sua origem é recente e está tão difundida que converteu o coração dos vivos a seus antepassados em quase tôdas as nações do mundo ocidental.

Centenas de sociedades, formadas com o propósito expresso de preparar árvores genealógicas dos homens, têm sido organizadas nos últimos anos.

Centenas de milhares de pessoas estão trabalhando individualmente na busca de registros dos seus ancestrais. Associações privadas têm sido formadas em grande número onde só são admitidos como membros as pessoas que possam provar sua descendência de estadistas, militares ou pioneiros famosos.

Muitas revistas genealógicas são editadas em diversos países e alguns jornais de larga tiragem mantêm seções permanentes sôbre genealogia.

Em vários países foram formadas grandes bibliotecas especializadas em matéria genealógica e crônicas familiares.

Centenas de milhares de volumes de tais referências foram publicadas no último século, e tão grande tem sido a procura dêsse tipo de publicação que as bibliotecas públicas da maior parte das cidades dos Estados Unidos, reconheceram a necessidade de organizar departamentos genealógicos, em muitos casos dirigidos por genealogistas treinados.

Por meio de microfilmagem estão sendo copiados e preservados muitos registros adicionais em diversos países do mundo. Êsses registros microfilmados são utilizados pelos pesquisadores com o auxílio de aparelhos de leitura especiais e estão entre as mais ricas fontes de informações genealógicas.

Os governos da Inglaterra, França, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Noruega, Escócia e outros países europeus, ordenaram a preservação dos dados genealógicos e em muitos casos organizaram arquivos com êsse propósito.

Bem como Elias, cuja vinda causou tal interêsse, estava destinado a vir nos últimos dias, "antes do grande e terríve ldia do Senhor", falta determinar se esta atividade de pesquisa se iniciou recentemente.

Índices de sociedades e seus objetivos, particularmente quanto ao estudo de ancestrais, podem ser encontrados em tôdas as grandes enciclopédias.

Seus trabalhos revelam que o "coração dos filhos" está se voltando a seus pais de outras maneiras além da simples elaboração de crônicas e árvores genealógicas familiares. Existe interêsse pela preservação de edifícios históricos, construção de monumentos nos lugares em que seus antepassados se cobriram de glória, manutenção de túmulos e construção de parques comemorativos.

Muitas dessas sociedades foram organizadas por volta de 1890, mas algumas já surgiram bem mais cedo, em 1850 É natural que haja levado alguns anos até hoje que o interêsse individual se cristalizasse na formação de sociedades particularmente interessadas em linhagens genealógicas.

Demonstramos o tremendo interêsse internacional surgido quanto à genealogia, e que êste iniciou-se poucos anos antes de 1844. De acôrdo com as Escrituras, Elias deveria provocar tal interêsse. Portanto, Elias deveria ter vindo pouco antes de 1844, a fim de iniciar (conforme o profetizado) o movimento que surgiu naquela época.

E assim foi!

Há uma passagem na primeira epístola de Pedro que, referindo-se ao dilúvio nos dias de Noé, diz "na qual poucas (isto é, oito almas se salvaram pela água." (1, Pedro 3:20)

Exatamente "uns poucos, a saber, oito" anos antes de 1844, Elias apareceu, cumprindo as palavras de Malaquias.

Num templo construído pela Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias em Kirtland, Ohio, Elias efetuou sua gloriosa aparição aos homens mortais em 3 de abril de 1836.

Alí êle concedeu a Joseph Smith, o profeta Mórmon, e a Oliver Cowdery os poderes provenientes dos céus. Durante essa visitação declarou que viera em cumprimento das palavras de Malaquias, para converter o coração dos filhos a seus pais — em outras palavras, criar nos corações dos homens mortais êsse interêsse genealógico por seus antepassados.

Existe alguma evidência da aparição de Elias?

Cada uma das sociedades, bibliotecas e revistas genealógicas; cada um dos registros genealógicos; cada nome em cada uma das páginas de todos os "pedigrees" e cada um dos indivíduos, nos Estados Unidos ou de outras nações, que estiver buscando seus mortos, é uma testemunha material da vinda de Elias, porque cada um dêles evidencia o cumprimento da missão dêsse profeta de "converter os corações dos filhos a seus pais", como foi previsto por Malaquias.

Os resultados de sua missão se encontram em tôda a parte. A evidência é convincente e não resta lugar para dúvidas. Elias já veio. Uma das maiores profecias foi

cumprida. É um dos mais convincentes sinais de todos os tempos, testificando que o grande e terrível dia do Senhor está próximo.

Mas, êsse interêsse generalizado pela genealogia não só testifica a realidade da vinda de Elias, como também dá testemunho semelhante sôbre o chamado divino dos homens a quem apareceu nos tempos modernos. Demonstra a verdade incontestável de que os homens que receberam Elias naquele templo de Kirtland foram escolhidos pelo Todo Poderoso e que a obra por êles instituída, com o auxílio de Elias, é divinamente inspirada.

Através da revelação de Deus e com podêres recebidos do ministério celestial organizaram a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias e deram ao mundo o Evangelho de Cristo em tôda a sua pureza. Foram ordenados ao Sacerdócio por João Batista e Pedro, Tiago e João, e com êsses podêres pregaram novamente o Evangelho em sua simplicidade restaurada.

Êles pregaram o propósito da vinda de Elias e o motivo causador dessa conversão do coração dos filhos a seus pais.

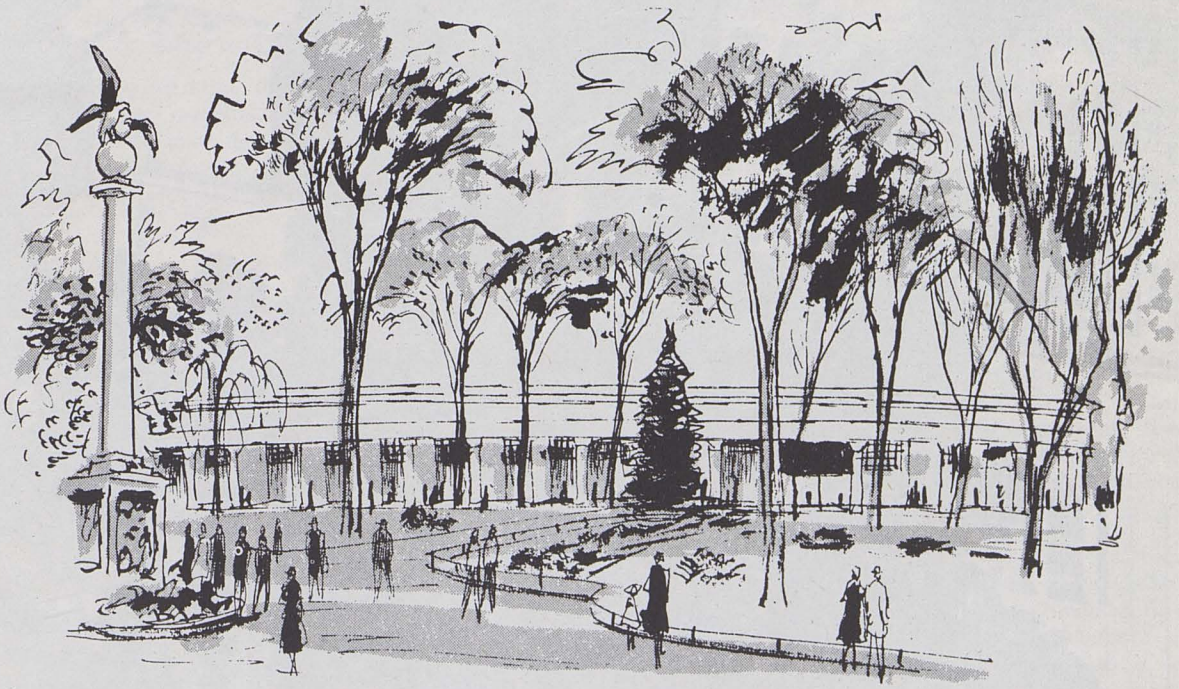
Ensinaram que êsse interêsse genealógico tem seu lugar definido no plano de salvação e é relacionado diretamente com os princípios básicos da religião cristã.

Assim, temos na terra uma vasta e dupla atividade resultante da missão moderna de Elias. Por um lado existe a preocupação mundial quanto à preparação de árvores genealógicas e crônicas familiares, proporcionando a identificação necessária daqueles que viveram aqui na terra e já se foram.

Por outro lado, há a intensa atividade dos membros da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias construindo templos e nêle realizando ordenanças sagradas do Evangelho, a fim de que todos os que vierem a Cristo possam ser salvos em seu reino.

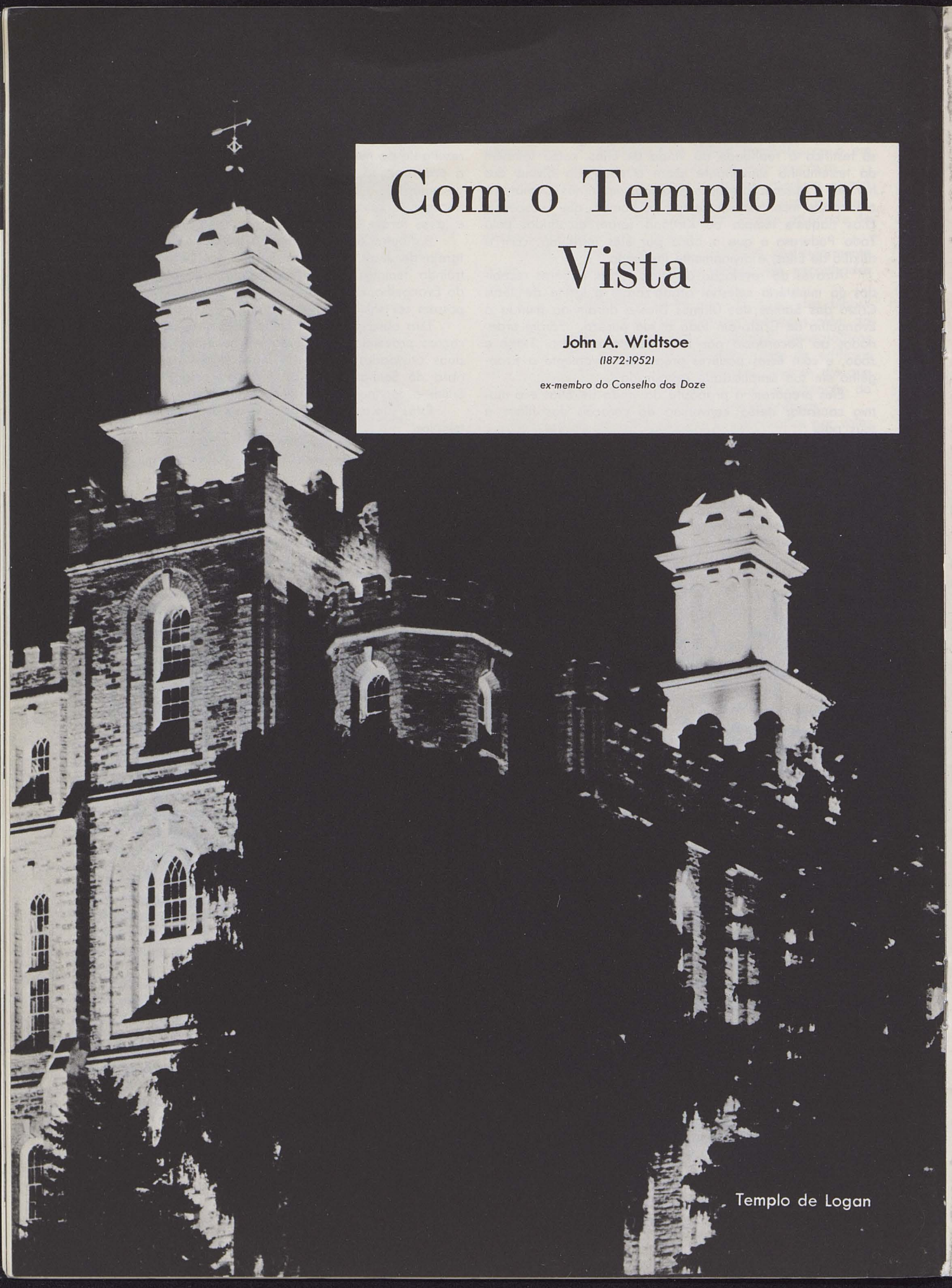
Esta obra do templo seria impossível sem as identificações provenientes da pesquisa genealógica mundial. As duas atividades andam de mãos dadas para cumprir a obra do Senhor como foi instituída pelo Profeta Joseph Smith e continua sendo cumprida por seu povo.

Êstes são os motivos pelos quais os mórmons constróem templos.



Com o Templo em Vista

John A. Widtsoe
(1872-1952)
ex-membro do Conselho dos Doze



Templo de Logan

O templo é uma casa ou lar do Senhor. Caso o Senhor visitasse a terra, êle viria a seu templo. Nós somos a família do Senhor. Somos seus filhos gerados na nossa pré-existência. Portanto, da mesma forma como o pai e a mãe terrena e seus familiares se reúnem no lar da família, assim os membros dignos da família do Senhor podem se reunir, como o fazemos, na casa do Senhor.

O templo é um lugar de instrução. Alí os princípios do Evangelho são recapitulados e reveladas as verdades mais profundas do reino de Deus. Se entrarmos no templo preparados espiritualmente e prestarmos atenção, de lá sairemos enriquecidos no conhecimento do Evangelho e na sabedoria.

O templo é um lugar de paz. Alí podemos deixar de lado os cuidados e preocupações do turbulento mundo exterior. Alí nossas mentes deveriam permanecer centralizadas nas realidades espirituais, pois alí nos preocupamos sòmente com as coisas do espírito.

O templo é um lugar de convênios, que nos ajudam a viver retamente. Alí declaramos que queremos obedecer às leis de Deus e prometemos usar os preciosos conhecimentos do Evangelho em nosso próprio benefício e para o bem dos homens. As cerimônias singelas nos ajudam a sair do templo com o firme propósito de levar uma vida digna das dádivas do Evangelho.

O templo é um lugar de bênçãos. Recebemos promessas dependentes apenas da nossa fidelidade e que se prolongarão por tôda a eternidade. Elas nos ajudarão a compreender a proximidade de nossos pais celestiais. O poder do Sacerdócio nos é dado assim em novas e mais amplas dimensões.

O templo é um lugar onde são apresentadas cerimônias pertinentes à divindade. Os grandes mistérios da vida, com tôdas as perguntas humanas não respondidas, são ali esclarecidos: (1) De onde eu vim? (2) Por que estou aqui? (3) Para onde irei quando esta vida terminar? Ali as necessidades espirituais, das quais promanam tôdas as demais coisas da vida, são consideradas de suma importância.

O templo é um lugar de revelação. O Senhor poderá ali conceder revelações e qualquer pessoa poderá recebê-las com relação à própria vida. Todo conhecimento, tôda ajuda provém do Senhor, direta ou indiretamente.

Apesar de que possa não estar aqui em pessoa, êle aqui está por intermédio de seu Santo Espírito e dos homens portadores do Sacerdócio na terra. Por meio dêsse Espírito êles dirigem a obra do Senhor aqui na terra. Tôda pessoa que ingressar nesse lugar com fé e em oração, encontrará ajuda para a solução dos problemas da vida.

É bom estar no templo, na casa do Senhor, um lugar de instrução sacerdotal, de paz, de convênios, de bênçãos e revelações. Gratidão por êsse privilégio e um desejo sincero de possuir o espírito apropriado deveriam transbordar em nossos corações.

O templo, com seus dons e bênçãos, está aberto a todos que preenchem os requisitos do Evangelho de Cristo. Tôda pessoa digna pode solicitar a seu bispo uma recomendação para entrar no templo.

As ordenanças ali realizadas são sagradas, não misteriosas. Todos os que aceitam e vivem o Evangelho e se mantêm puros podem delas participar. Ainda mais, todos os membros fiéis são convidados e incentivados a ir aos templos o quanto antes e usufruir seus privilégios. É um lugar sagrado no qual são dadas as santas ordenanças a todos que se provarem dignos de participar de suas bênçãos.

Tudo quanto o Evangelho pode oferecer, pode ser feito nos templos. Batismos, ordenações sacerdotais, casamentos e selamentos para o tempo e a eternidade para os vivos e os mortos, ensino do Evangelho, deliberações sôbre a obra do ministério e tudo o mais pertencente ao

Evangelho é ali realizado. Na verdade, no templo o Evangelho inteiro é resumido.

Não se pode esperar que as cerimônias do templo sejam compreendidas em todos os seus detalhes na primeira vez que uma pessoa "passa" pelo templo. Por isso, o Senhor providenciou meios para que possa ser repetida. O trabalho no templo tem que ser feito primeiro pela pessoa em benefício próprio; depois, pelos ancestrais ou amigos já falecidos tantas vêzes quanto as circunstâncias permitirem. Êste trabalho abrirá as portas da salvação para os mortos e também ajudará a fixar na mente dos vivos a natureza, significado e compromissos da investidura. Mantendo a investidura sempre presente em nossas mentes nos ajudará a desempenhar nossos deveres na vida sob a influência das bênçãos eternas.

As cerimônias dos templos estão esboçadas claramente na revelação conhecida como seção 124, versículos 39-41 de Doutrina e Convênios: "Portanto, na verdade vos digo que as vossas unções e vossos lavamentos, e vossos batismos pelos mortos, e vossas assembléias solenes, e memoriais pelos vossos sacrifícios feitos pelos filhos de Levi, e os vossos oráculos nos lugares mais santos, onde recebeis conversações, e vossos estatutos e julgamentos, para os princípios das revelações e da fundação de Sião, e para a glória, honra e investidura de tôdas as suas municipalidades, são prescritos pela ordenança da minha casa santa, a qual sempre mando que o meu povo construa em meu santo nome.

"E na verdade vos digo que seja esta casa construída em meu nome, para que nela Eu possa revelar ao meu povo as minhas ordenanças;

"Pois à minha igreja me digno revelar coisas que têm sido conservadas ocultas desde antes da fundação do mundo, coisas que dizem respeito à dispensação da plenitude dos tempos."

Nos templos todos se trajam igualmente de branco. Branco é o símbolo da pureza. Nenhuma pessoa impura tem o direito de entrar na casa de Deus. Além do mais, êsse traje uniforme simboliza que perante Deus, nosso Pai nos céus, somos todos iguais. O mendigo e o banqueiro, o sábio e o ignorante, o príncipe e o pobre, sentam-se no templo lado a lado e são igualmente importantes se viverem retamente perante o Senhor Deus, seu Pai espiritual. No templo recebemos aptidão e compreensão espiritual. E todos êles ocupam lugar igual perante o Senhor.

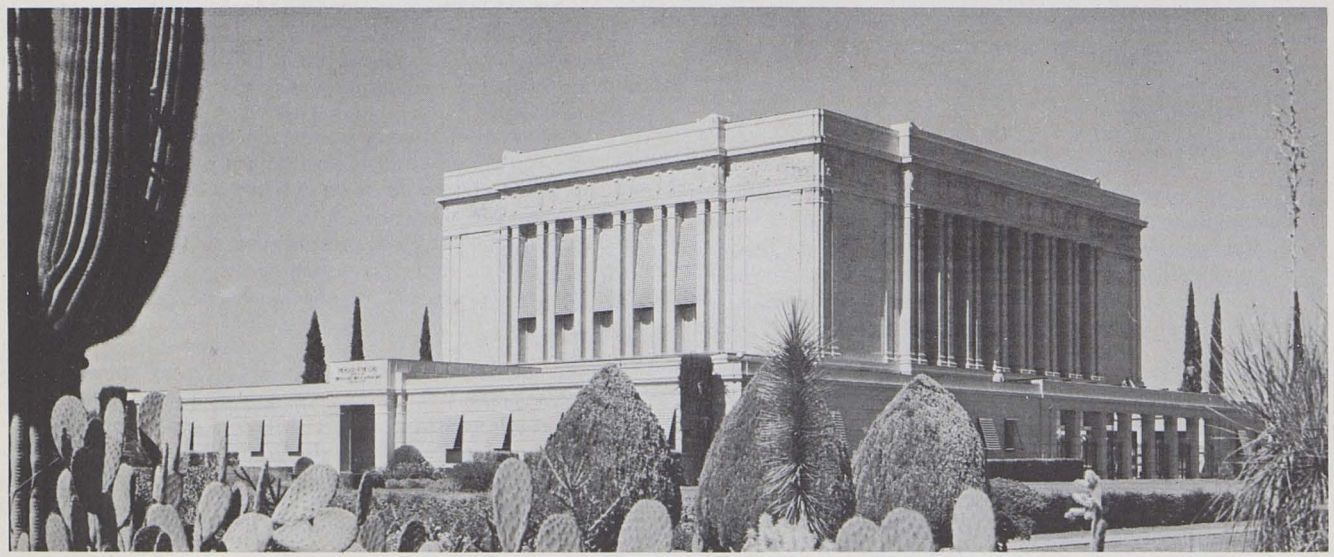
Passar pelo templo é uma experiência gloriosa, do princípio ao fim. É enaltecedor e instrutivo. O candidato passa a ter mais compreensão e capacidade para seu trabalho.

As leis do templo e os convênios da investidura são belos, proveitosos, singelos, e fàcilmente compreensíveis. Cumprí-los também é fácil. No entanto, é maravilhoso que o Profeta Joseph Smith tão sem conhecimento das coisas do mundo, pudesse alinhá-los na seqüência adequada como base do progresso espiritual dos homens. Só isto justificaria nossa fé de que Joseph Smith foi guiado por podêres maiores que os do homem mortal.

Para aquêles que entram a serviço do templo com fé, em completa submissão à vontade do Senhor, o dia será de gloriosa experiência. Receberão entendimento e poder que os ajudará a enfrentar o que os anos futuros possam lhes trazer.

Para onde quer que nos voltemos no Evangelho revelado do Senhor Jesus Cristo, particularmente nos templos, aumenta a convicção de que a obra de Deus foi reestabelecida para seu propósito específico nestes últimos dias. O serviço nos templos existe para nos assistir e ajudar a nos qualificar para esta obra imensa: "...proporcionar a imortalidade e a vida eterna ao homem." (Moisés 1:39)

Templo do Arizona.



João, em Patmos, profetiza futuros acontecimentos: **"E vi outro anjo . . . e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sôbre a terra . . . (Apoc. 14:6)**

Revelação

Doyle E. Green

Editor de The Improvement Era

A comunicação entre Deus e seus representantes escolhidos aqui na terra foi sempre uma característica da Igreja Verdadeira. O Senhor andou e falou com Adão no Jardim do Éden e dirigiu as atividades de seu povo nos templos do Velho Testamento. Enoque, Noé, Abraão, Jacó, Moisés, Davi, Isaías, Daniel, Malaquias, na realidade, todos os profetas do Velho Testamento foram guiados por Êle.

O profeta Amós expressou essa grande verdade quando escreveu:

"Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os profetas." (Amós 3:7.) E Salomão deu ênfase a isto, dizendo:

"Não havendo profecia o povo se corrompe;" (Prov. 29:18)

Mesmo o Senhor Jesus Cristo incessantemente buscou e recebeu orientação de seu Pai. Em duas ocasiões Deus falou dos céus testificando dêle e dando-lhe proteção. A primeira vez quando foi batizado e a segunda, na transfiguração:

"Êste é meu Filho amado, em quem me comprazo." (Mat. 3:17; 17:5.)

Durante algum tempo depois da morte de Jesus, enquanto os últimos livros do Nôvo Testamento estavam sendo escritos, o Senhor continuou a revelar sua vontade aos homens. Guiou os apóstolos na escôlha de um nôvo membro para o quorum; falou a Saulo perto de Damasco; enviou o Espírito Santo prometido para ser confortador e revelador de seu povo; e revelou inúmeras verdades a João em Patmos.

A evidência é clara. Em tôdas as dispensações em que o verdadeiro Evangelho estêve na terra, Deus dirigiu sua obra através de seus profetas.

Moroni, um profeta do Livro de Mórmon, declarou:

"E também dirijo-me àqueles que negaram as revelações de Deus, dizendo que elas já cessaram e que não há revelação nem profecia...

"Eis que vos digo que aquêle que nega essas coisas não conhece o Evangelho de Cristo...

"Pois não lemos que Deus é o mesmo ontem, hoje e sempre, e que nêle não há mudança nem sombra de transformação?" (Mórmon 9:7-9.)

O profeta Néfi escreveu: "Ai do que diz: Recebemos a palavra de Deus e dela não mais necessitamos, porque já temos o bastante!

"Eis que, assim diz o Senhor Deus: Darei aos filhos dos homens linha por linha, preceito por preceito, um pouco aqui e um pouco ali; e abençoados os que ouvem os meus preceitos e escutam os meus conselhos, porque serão instruídos na sabedoria; pois a quem recebe darei mais; aos que me disserem: Temos o suficiente, dêstes será tirado mesmo o que tiverem." (2 Néfi 28:29-30.)

Jesus disse a Pedro que edificaria sua igreja sôbre a pedra da revelação (Mat. 16:17-18.)

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias foi estabelecida por revelação. Deus e seu Filho amado apareceram a Joseph Smith em resposta à oração sincera que fêz num bosque. Nos ános que se seguiram àquela maravilhosa visão, Joseph Smith constantemente recebeu instrução e conselhos, não apenas por inspiração, mas também por visitações pessoais de outros mensageiros celestes. Através dêle as maravilhosas verdades do Evangelho foram restauradas em tôda a sua plenitude e pureza.

Mas se a plenitude do Evangelho foi restaurada pelo profeta Joseph Smith, a revelação é ainda necessária?

Talvez nunca tenha havido tempo em que a ajuda e orientação de Deus fôssem mais necessárias do que nesta

O Senhor fala a Saulo próximo a Damasco: "**...sùbitamente o cercou um resplendor de luz do céu... ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? (Atos 9:3-4)**

época de agitação e aflição. As tensões multiplicam-se. Os laços familiares enfraquecem-se. A cada dia parece mais evidente que o homem tende a destruir-se. Talvez tenha sido isso que induziu um renomado comentarista a dizer que a mensagem mais importante que poderia ser difundida pelo rádio, ao mundo de hoje, seria a de que Deus tinha falado ao homem novamente.

Será que um Deus de justiça e amor abandonaria seus filhos no período mais crítico da história mundial?

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias testifica a todos os povos que as revelações não cessaram, que os céus não estão fechados, que o Senhor está revelando sua vontade aos homens hoje em dia, e que dirige sua Igreja através de profetas vivos.

Examinemos resumidamente algumas das evidências desta Igreja:

Os inimigos do profeta Joseph Smith pensaram que sua morte poria fim à Igreja. Por esta razão êle foi martirizado pelo populacho.

Os membros da Igreja foram enxotados de seus lares. Muitos acreditaram que êles pereceriam no deserto. Porém, sob a liderança de um outro profeta, Brigham Young, a quem o Senhor havia preparado para tomar o lugar do profeta Joseph Smith, os exilados viajaram com carroças e carrinhos de mão uns dois mil quilômetros através das planícies e pradarias hostís para refugiarem-se nos vales das Montanhas Rochosas.

Êles foram até uma terra deserta que era desprezada por todos e o profeta-líder resistiu fortemente à rebeldia de alguns que queriam continuar a jornada até as viçosas terras da Califórnia, dizendo que havia visto o Vale do Grande Lago Salgado em visão, mais ou menos um ano antes de nêle penetrar.

Quando constatou-se que a terra era exageradamente dura e sêca para o plantío de suas sementes, os pioneiros deram início à moderna irrigação na América, canalizando as águas das montanhas.

Quando uma praga de gafanhotos ameaçou suas plantações, as gaivotas vieram do mar para destruí-los, num milagre semelhante a muitos que a antiga Israel experimentara.

Em seus lares nas montanhas os pioneiros sofreram ataques dos índios, fome, sêde, pestes e tôda espécie de miséria. Mesmo assim sobreviveram e, sob a direção de líderes inspirados, naquele deserto selvagem surgiu um povo poderoso e próspero. A despeito disto, Brigham

Um anjo aparece no templo a Zacarias:
"E um anjo do Senhor lhe apareceu, pôsto em pé, à direita do altar do incenso." (Lucas 1:11)

Young declarou: "Não quero que os homens pensem que foi por minha causa que êste povo chegou até aqui, mas o que aconteceu foi providência do Todo-Poderoso..." (Journal of Discourses, Vol. 4, pág. 41).

Quando a indústria tomou o lugar das fazendas, surgiram, como conseqüência, períodos de desemprêgo e depressão e os líderes da Igreja foram inspirados a estabelecer um magnífico programa de bem-estar, para atender aos membros necessitados da Igreja, bem como para protegê-los dos males da assistência estatal.

Os líderes foram instruídos pelo Senhor quanto à necessidade de educação, fundando escolas, universidades e, mais tarde, seminários e institutos de religião. Utah classifica-se em primeiro lugar nas realizações do campo educacional, conquanto seja o trigésimo segundo Estado em capacidade de promover essa obra.

Hoje, irrefutáveis conquistas científicas comprovam claramente os perigos e males do cigarro. Há mais de 130 anos, nossa Igreja vem ensinando a revelação de Deus, de que o fumo não é bom para o homem.

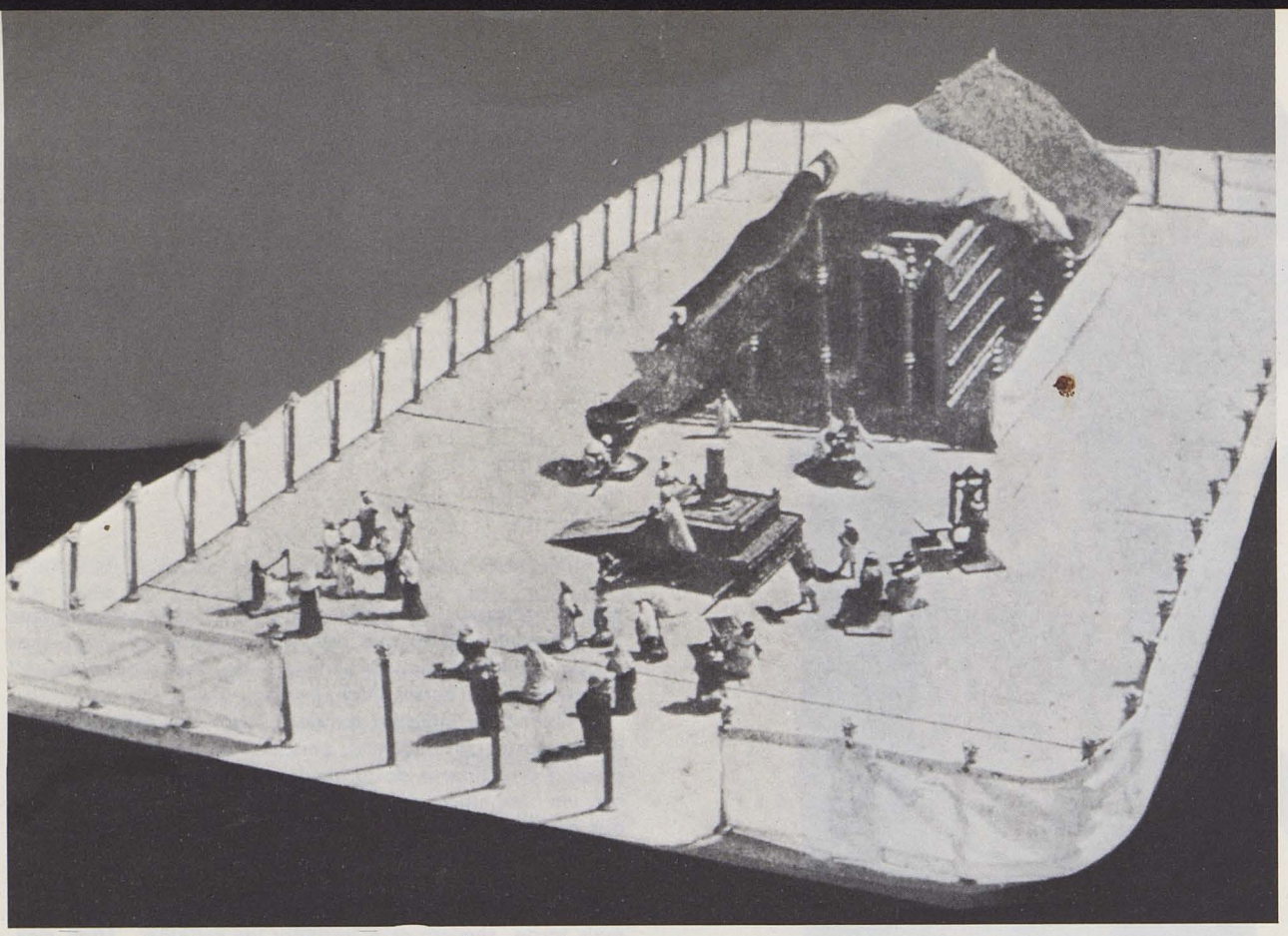
Estamos hoje em dia bastante preocupados com os males do Comunismo, no entanto, desde a restauração da Igreja nossos líderes ensinam-nos que devemos nos guardar contra qualquer coisa que possa tirar-nos a liberdade dada por Deus.

Ao melhorar a situação dos membros da Igreja, trazendo como resultado mais tempo de lazer e tentações para os jovens, nossos líderes foram instruídos a organizar um programa de atividades para a juventude, que é uma maravilha para quantos travam contacto com êle.

Quando as condições sociais passaram a ameaçar a solidariedade e a divindade do lar, nossos líderes instituíram o programa de reuniões familiares, que se realiza uma vez por semana. O Presidente David O. McKay, recentemente, deu ênfase à importância dêsse programa, quando disse: Nenhum sucesso pode compensar o fracasso do lar". (Improvement Era, junho/1964, vol. 67, pág. 445).

Muitos têm-se maravilhado com o vigor e a vitalidade da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Recentemente um escritor fêz comentários sôbre "seu curioso talento de adaptar-se às condições modernas sem alterar seus primeiros princípios."

A resposta é revelação — revelação ao profeta da Igreja para dirigí-la — revelação individual aos membros para que possam ser guiados em suas vidas. A revelação é um traço da verdadeira Igreja de Deus.

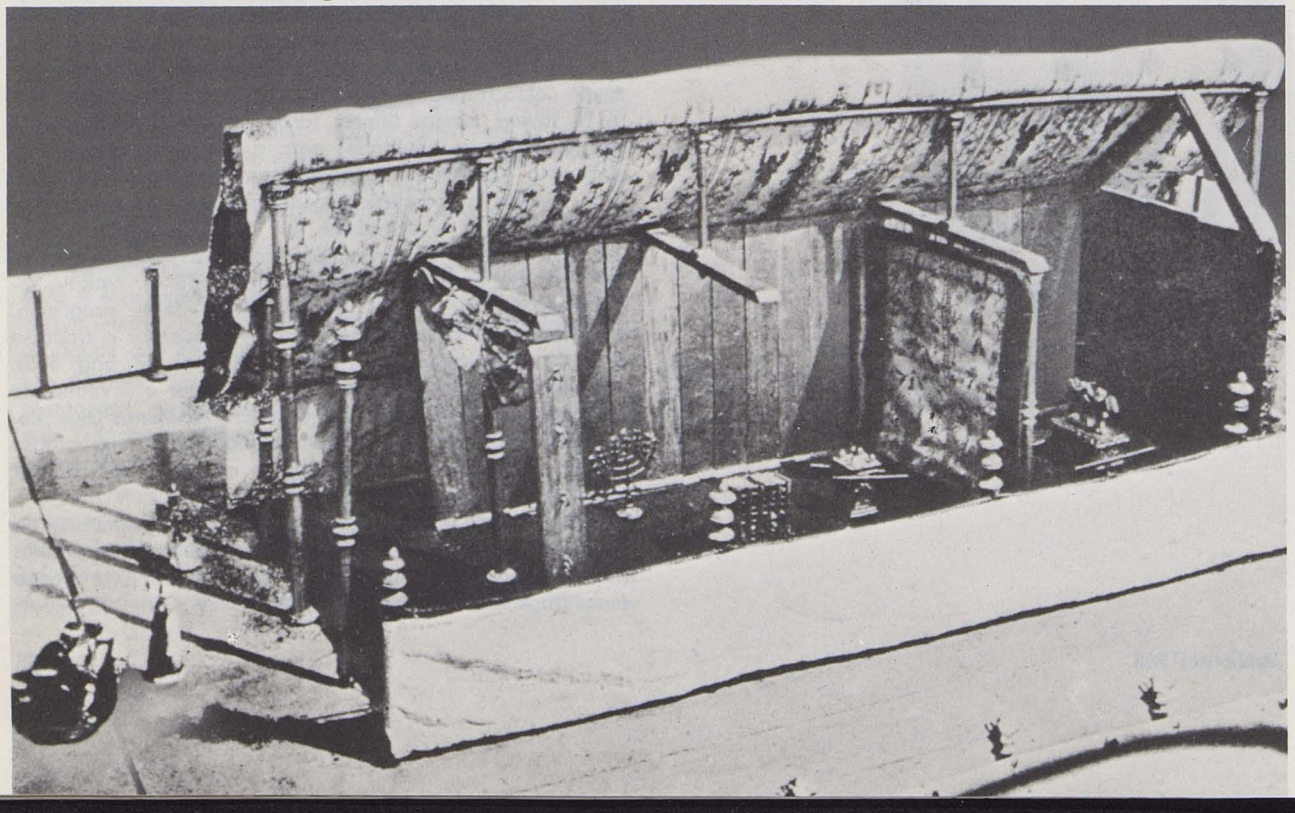


Considerações sôbre

Os Templos Antigos

e suas Funções

Sydney B. Sperry
Professor de Línguas do Velho Testamento na Universidade Brigham Young



Reconstrução do Tabernáculo de Moisés, segundo Schick.

Basta apenas ler cuidadosamente as Escrituras, particularmente as Escrituras modernas, para descobrir que os templos devem ter sido construídos e usados em épocas longínquas, até nos dias dos patriarcas anti-diluvianos. Em Doutrina e Convênios, seção 124:39, o Senhor fala de sua santa casa "...a qual **sempre** mando que o meu povo construa em meu santo nome." (itálicos do autor) E por que não seriam os templos tão necessários para dar a sagrada investidura aos homens contemporâneos, desde os antigos patriarcas até a atualidade? Certamente as exigências do Senhor para a exaltação dos homens da antiguidade seriam essencialmente idênticas às de agora.

Quando pensamos em Enoque e seu povo que caminharam com Deus e foram recebidos em seu seio (Moisés 7:69), parece inacreditável que pudessem ter sido assim recebidos sem as investiduras usualmente concedidas sòmente em templos sagrados. Muito é dito em Doutrina e Convênios, seção 132:29-37, sôbre as bênçãos de Abraão, recebidas devido à sua fé em Deus. O Senhor diz que êle "...entrou para a exaltação e se assenta em seu trono." (vers. 29) O mesmo se pode dizer de Isaque e Jacó. (vers. 37) Abraão, Isaque e Jacó devem ter recebido sôbre si o selamento de tôdas as bênçãos do Evangelho, inclusive tôdas as sagradas investiduras destinadas aos que são fiéis na vida mortal.

Reconstrução do interior do Tabernáculo de Moisés segundo Schick.

Alguns talvez indaguem onde ficavam os templos nos quais poderiam receber suas investiduras. É verdade que as Escrituras pouco falam diretamente sôbre os templos na época dos antigos patriarcas, mas isto não prova que não tenham existido. A Igreja existiu nos tempos de Abraão; parece, mesmo que o famoso Melquisedeque a encabeçava, e foi a êle que o pai dos fiéis pagou o dízimo. (Gên. 14:20) Abraão também recebeu o Sacerdócio de Melquisedeque. (D&C 84:14) O fato de nos tempos de Abraão se pagar o dízimo nos leva a supor que tais rendas eram usadas em parte para erigir casas de oração e para a construção e manutenção de um templo "o qual sempre mando que o meu povo constrúa em meu santo nome," repetindo nossa primeira citação.

As explicações dadas a certas figuras incluídas no fac-símile n.º 2 do Livro de Abraão, devem convencer o bem intencionado leitor santo dos últimos dias, de que Abraão estava familiarizado com as sagradas investiduras e portanto com templos ou seus equivalentes em que pudessem ser administradas. Além disso, o fato de que o Evangelho foi pregado extensivamente na Palestina antes da chegada dos israelitas guiados por Josué deve abrir nossas mentes para a possibilidade da existência de uma organização completa da Igreja, na Terra Santa nos tempos antigos. (I Néfi 17:35) Tal Igreja disporia sem dúvida dos benefícios espirituais de um templo.

Quando Moisés livrou o povo de Israel do Egito, uma das primeiras coisas que fêz, foi tentar que o povo aceitasse o Sacerdócio maior e recebesse as ordenanças em que "...se manifesta o poder de divindade." (D&C 84:19-20)

"E sem as suas ordenanças, e a autoridade do Sacerdócio, o poder de divindade não se manifesta aos homens na carne;

"Pois, sem isto nenhum homem pode ver o rosto de Deus, o Pai, e viver.

"Agora, Moisés ensinou isto claramente aos filhos de Israel no deserto, e procurou diligentemente santificar o seu povo para que pudesse ver o rosto de Deus." (Id. 84:21-23)

Um programa tal como Moisés o descreveu necessitava das sagradas investiduras e apesar do grande legislador não poder construir um templo no deserto, conseguiu adaptar um tabernáculo aceitável onde pudessem ser administradas.

"E novamente, na verdade vos digo, como serão os vossos lavamentos aceitáveis, a mim, se não o fizerdes numa casa construída em meu nome?

"Pois, por esta razão mandei que Moisés construísse um tabernáculo, que deveria levar consigo no deserto, e que construísse uma casa na terra da promissão, para que pudessem ser reveladas as ordenanças que haviam estado escondidas desde antes da fundação do mundo." (D&C 124: 37-38)

Não sabemos o quanto essas ordenanças pertinentes ao Sacerdócio de Melquisedeque foram realizadas no tabernáculo enquanto no deserto e na Palestina até a época da construção do templo de Salomão, mas que tais orde-

nanças foram realizadas nos parece certo à luz de declarações como esta:

"As espôsas e concubinas de Davi lhe foram dadas por mim, pela mão de Natã, meu servo, e outros profetas que possuiam as chaves dêste poder; . . ." (Id. 132:39)

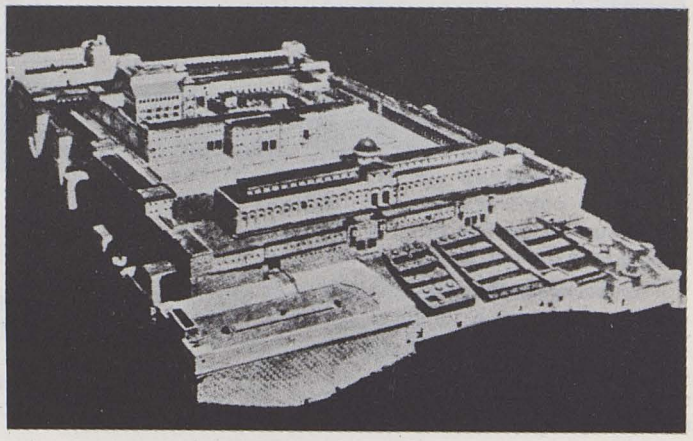
Parece mais razoável crer que Natã e os outros profetas selaram as espôsas e concubinas a Davi num lugar sagrado como o tabernáculo do que em outro lugar qualquer.

Pode ter havido longos períodos durante os dias dos juízes em que as ordenanças relativas ao Sacerdócio de Melquisedeque não foram realizadas no tabernáculo, como se depreende da história contida nos capítulos 17-21 do Livro dos Juízes. Naquela época "...cada qual fazia o que achava mais reto." (Juízes 17:6; 21:25) As ordenanças pertencentes ao Sacerdócio Aarônico talvez tenham sido mais extensamente realizadas durante êsse período, mas mesmo sôbre tal assunto temos poucas informações.

Nos capítulos 25-40 do Livro do Êxodo encontramos explicações sôbre a construção do tabernáculo e as diversas restrições a êle relacionadas. Em primeiro lugar notamos que o Senhor disse a seu povo, "E farão um santuário, para que eu possa habitar no meio dêles." (Êxo. 25:8) Por isso a estrutura seria conhecida geralmente como a "casa do Senhor" (id. 34:26; Josué 6:24) O tabernáculo era construído com os melhores materiais que o povo dispunha ou poderia obter enquanto no deserto. O pêlo e a pele das ovelhas, madeira de acácia do deserto e a pele do "tachash", possìvelmente uma doninha ou animal semelhante do Mar Vermelho. O povo ofertou liberalmente seus ornatos e ouro, prata, bronze e linho em abundância para êsse santuário portátil em forma de tenda.

O tabernáculo pròpriamente dito era de forma retangular, com trinta cúbitos de comprimento e dez de largura, a entrada situada no lado oriental. Sua altura era de dez cúbitos. Traduzido em sistema métrico moderno as dimensões eram 15 metros de comprimento, por 5 de largura e 5 de altura, aproximadamente. O seu interior era dividido em duas partes principais, uma na extremidade ocidental com 15 metros quadrados, conhecida como Santo dos Santos, e a outra na extremidade oriental, chamada santuário ou lugar santo, e media 10 metros de comprimento por 5 metros de largura, aproximadamente. Uma espécie de vestíbulo ficava na extremidade oriental onde se localizava a entrada.

O tabernáculo erguia-se na extremidade ocidental do pátio externo, que media cêrca de 25 metros de largura por 50 metros de comprimento. As cortinas de linho branco sôbre o pátio externo eram sustentadas por sessenta postes com capitéis de prata e encaixes de bronze. Na parte oriental do pátio exterior, defronte do tabernáculo, localizava-se a bacia (Êxo. 30:17-21) para lavar os pés e as mãos, e o altar para queimar as oferendas, feito com madeira de acácia ou "shittim" recoberta de bronze. O altar era ôco para facilitar seu transporte durante as jornadas dos israelitas; tôda vez que o fixavam era para enchê-lo com terra e os sacrifícios queimados sôbre êle. (vide as gravuras das reconstruções do tabernáculo e pátio feitas pelo Dr. Schick)



Vista do Templo de Herodes, segundo reconstrução de Schick.

De que forma eram conduzidas as cerimônias de investidura no tabernáculo descrito, podemos apenas conjeturar. Mas no interior do Santo dos Santos onde ficava a arca do convênio, o Senhor se comunicava com os líderes de seu povo. O Senhor disse a Moisés:

"...e de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sôbre a arca do testemunho, falarei contigo acêrca de tudo o que eu te ordenar para os filhos de Israel." (Id., 25:22)

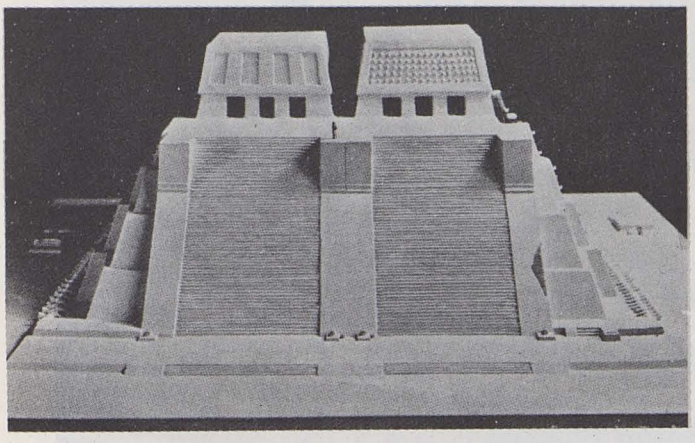
Sabemos que o tabernáculo foi dedicado no primeiro dia do segundo ano após a partida dos israelitas do Egito. (Id., 10:17) Uma nuvem repousava sôbre a estrutura durante o dia e uma coluna de fogo durante a noite por todo o tempo de suas jornadas. Tôda vez que mudavam o acampamento, os levitas desmontavam o tabernáculo e novamente o montavam no lugar do nôvo acampamento. (Id., 40:34-38)

Quando os israelitas se estabeleceram em Canaã, Josué armou o tabernáculo em Silo, onde permaneceu durante o período dos juizes. (Josué 18:1) Durante o reinado

ordenou-lhes que terminassem o edifício sagrado. A profecia inteira de Ageu se refere a êsse projeto. Em linhas gerais foi seguida a planta do Templo de Salomão mas, devido à pobreza do povo, em forma menos dispendiosa. Muitos dos utensílios usados no templo primitivo foram restituídos. (Esdras 1:7-11) O Santo dos Santos ficou vazio, pois a Arca do Convênio desaparecera quando as tropas de Nabucodonosor invadiram a Palestina.

Êsse templo denominado segundo Zorobabel e por vêzes conhecido como o Segundo Templo, foi terminado no sexto ano do govêrno de Dario, em 515 A.C. (id. 3:8; 6:15)

Não se passaram muitos anos depois da dedicação do Segundo Templo e os judeus se tornaram mundanos e indignos de nêle administrar os ritos sagrados. O livro de Malaquias (1:2; 2:17; 3:5-18) é o protesto de um grande profeta contra a corrupção e iniqüidade do povo. Não estamos em condições de afirmar por quanto tempo o Senhor se mostrou inclinado a aceitar as ordenanças realizadas nesse templo após a sua dedicação, mas não pode ter sido por muitos anos. Seria interessante conhecer os detalhes relativos à administração do templo depois de desaparecidos os profetas de Israel, num período de aproximadamente quatrocentos anos.



Modêlo de Templo de Tenayuca, do período Azteca.

É interessante saber que certos grupos judeus construíram um templo na ilha de Yeb, posteriormente denominado Elefantina, no rio Nilo. Êsses judeus, originàriamente mercenários, falavam e escreviam o aramaico. Papiros encontrados nessa ilha mostram que conservavam seus próprios costumes e tinham govêrno próprio também. Em flagrante desobediência à lei e aos costumes dos demais judeus dispersos, conservavam um templo dedicado a Yahu. Alí faziam ofertas de gêneros alimentícios, incenso e sacrifícios queimados. Os papiros também fazem referência às festas da Páscoa e dos Pães Ázimos. Quando Cambises da Pérsia conquistou o Egito em 525 A.C., destruiu os templos egípcios, mas poupou o de Yahu. Muito mais tarde, em 411 A.C., durante a ausência do governador persa, egípcios enfurecidos, instigados pelos sacerdotes do deus Chnum (representado por figura com cabeça de carneiro) destruíram o templo judaico. Possuimos papiros que nos indicam que êsses judeus imediatamente rogaram a Bagoas, governador da Judéia, ao sumo-sacerdote Johanan e a outros judeus, que viessem em seu auxílio. Não foram atendidos. Em 408 A.C. a colônia dirigiu nova petição a seus irmãos judeus, remetendo presentes com a carta. Desta vez foi-lhes concedida permissão para reconstruir o templo e ofertar sacrifícios de gêneros e incenso. Até recentemente considerava-se duvidoso que tal templo tivesse sido realmente reconstruído. Agora, os Papiros Aramaicos de Brooklyn, editados pelo dr. Emil G. Kraeling, indicam que foi.

Os santos dos últimos dias bem poderão avaliar as condições espirituais dêsses construtores do templo em Yeb quando souberam que não sòmente cultuavam Yahu mas também outras divindades de Canaã, como p. ex., Ashimbethel, Anath-betel, e Cherem. Em Elefantina, Anath era considerada consorte de Yahu, sob o nome de Anath-Yahu. As condições espirituais de seus irmãos na Judéia, autôres da carta para Yeb, também podem ser deduzidas por êsses fatos.

O Templo de Zorobabel foi finalmente substituído pelo de Herodes. Devemos ao historiador judaico Josephus, e também à Mishnah, a descrição bastante pormenorizada dêste santuário. O templo anterior não foi demolido antes que grande parte do material para o nôvo tivesse sido assentado.

A obra do nôvo templo foi iniciada no décimo oitavo ano do reinado de Herodes, em 20-19 A.C. E o amplo conjunto de pátios e edifícios agregados ao Templo de Herodes não foi terminado senão durante o mandato do procurador Albinus, em 62-64 A.D. A área ocupada pelo templo antigo foi duplicada. O templo pròpriamente dito foi edificado com grandes blocos de pedra branca; seu interior tinha as dimensões do Templo de Salomão, quanto de Saul estava em Nobe. (1 Sam. 21:1 com Marcos 2:26) Durante a maior parte do reinado de Davi e de Salomão, até que fôsse construído o templo, o tabernáculo ficou armado num lugar alto de Gibeom. (1 Crô. 16:39; 21:29)

Oportunamente Salomão o colocou no templo (1 Reis 8:4; Crô. 5:5) que fôra construído segundo o mesmo modêlo, mas em tudo tendo pelo menos duas vêzes o seu tamanho.

O material para a construção da casa permanente do Senhor, conhecida como Templo de Salomão, foi quase todo acumulado por Davi. (2 Sam. 7; Crô. 28:11; 29:9) Calcula-se que juntou um total de 108.000 talentos de ouro, 10.000 dáricos de ouro e 1.017.000 talentos de prata destinados à futura construção e respectivas mobílias. Com êsses metais e outros materiais que Salomão adquiriu, o rei construiu um belíssimo templo para o Senhor. Foi terminado em sete anos e meio.

Quanto às ordenanças realizadas neste e nos outros templos sucessivos de Israel, pouco precisamos dizer. Provàvelmente foram semelhantes às realizadas no tabernáculo.

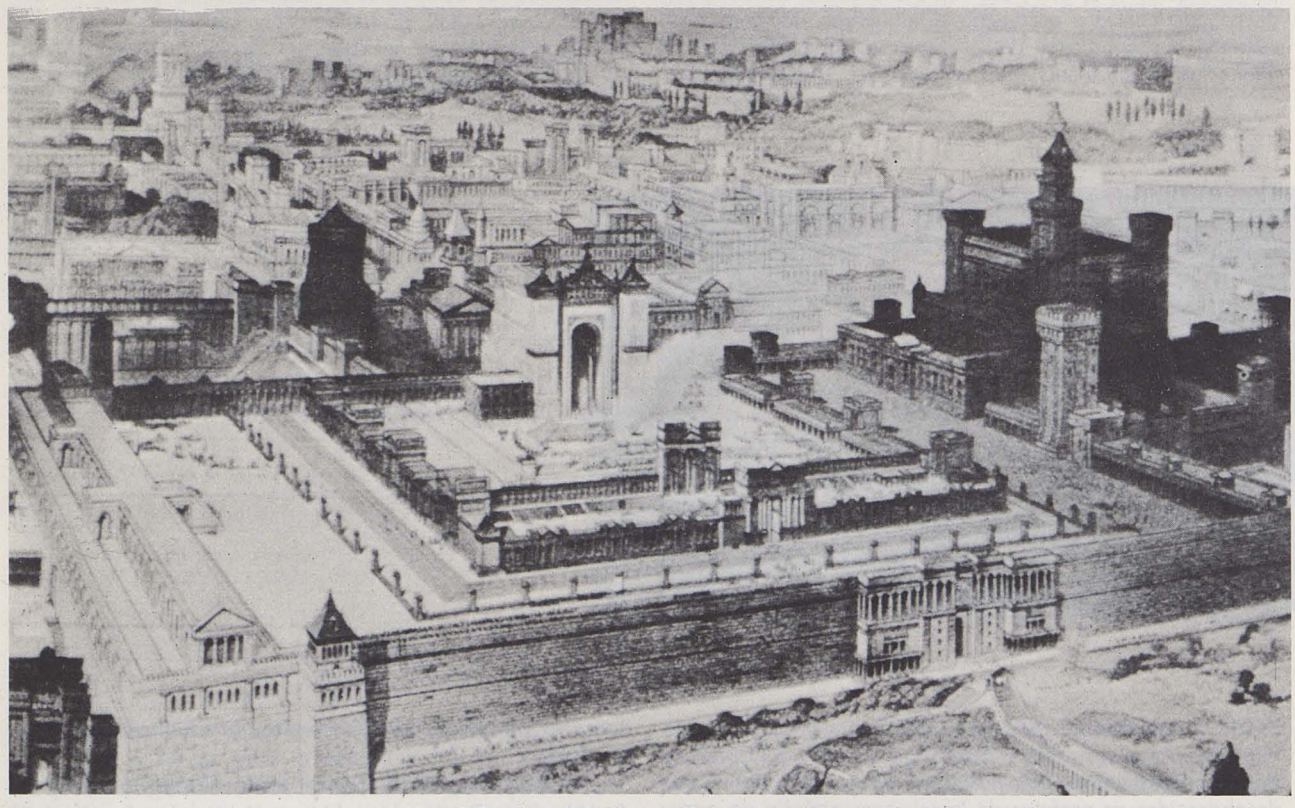
O aspecto do Templo de Salomão pode ter sido aproximadamente o da reconstrução de Stevens que ilustra êste artigo.

Muito poderia ser dito sôbre o "mar de fundição" ou pia, sustentado por doze bois que alguns pensaram erradamente que ficava por baixo do Templo de Salomão, simbolizando o batismo pelos mortos. No segundo livro das Crônicas podemos encontrar o seguinte: "... o mar era para que os sacerdotes se lavassem... e o mar êle (Salomão) pôs ao lado direito, para a banda do oriente, para o sul." (i.é., sueste do templo). (2 Crôn. 4:6; 10; 1 Reis 7:39)

Durante o seu reinado, Acaz (736-721 A.C.) retirou o mar de sôbre os bois de bronze e o colocou sôbre um pavimento de pedra. (2 Reis 16:17) Quando Nabucodonosor capturou Jerusalém em 590 A.C. (cronologia do Livro de Mórmon) cortou a pia em pedaços. (Id., 25:13; Jer. 27:19-22)

Para nós é de grande interêsse o que os estudiosos afirmam: "mares" eram construídos para templos babilônicos.

Depois do cativeiro da Babilônia, Ciro, soberano persa, deu aos judeus autorização para construir um templo com altura e largura de 60 cúbitos (30 metros), (Esdras 6:3; Josephus Antiguidades XI. 4, 6; cf. XV. 11, 1) em substituição ao destruído por Nabucodonosor em 500 A.C.



Vista do Templo de Salomão, segundo reconstrução de Stevens.

O templo foi iniciado provàvelmente no segundo ano após seu retôrno do cativeiro (537 A.C.?), mas os judeus se defrontaram com dificuldades, inclusive muita oposição por parte dos samaritanos, e interromperam a construção. Mas no segundo ano do reinado de Dario (520 A.C.) o Senhor ao comprimento e largura, mas sua altura era de 40 cúbitos (20 metros), sem incluir o andar superior, em lugar de 30 cúbitos (15 metros). O Templo de Herodes era dividido em duas partes: o Santo dos Santos e o santuário ou lugar santo, como nos primeiros templos, mas suas instalações muito mais luxuosas. O Santo dos Santos continuava vazio e separado do lugar santo por um véu. O leitor deverá recorrer a Josephus para uma descrição mais detalhada da grandiosa estrutura do templo.

O Livro de Mórmon torna claro que os nefitas, outro ramo do povo hebreu, conhecia os rituais dos templos e construiu diversos em nosso continente. Aparentemente, o primeiro dêstes foi erigido por Néfi, depois que êle e seus seguidores se apartaram de seus irmãos iníqüos. Foi edificado segundo a planta do Templo de Salomão, cujos detalhes constavam das placas de bronze. Eis aqui o que Néfi relata:

"E eu, Néfi, construí um templo; e construí-o segundo o modêlo do templo de Salomão, só não tendo como êsse tantas coisas preciosas; pois que não as havia no país e, portanto, não podia êle ser construído como o de Salomão. Mas o plano de sua construção era igual ao do templo de Salomão; e sua obra, portanto, era consideràvelmente formosa." (2 Néfi 5:16)

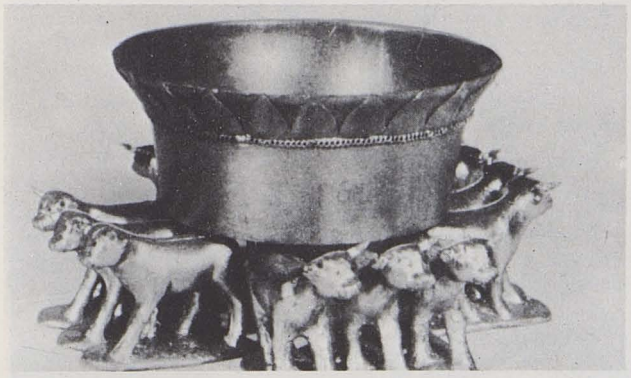
É pouco provável que Néfi construísse um templo sem uma revelação expressa do Senhor, autorizando-o. Além do mais, tôdas as ordenanças pertinentes ao templo teriam que ter sido reveladas. Os nefitas guardavam a lei de Moisés, mas isso não significa que as ordenanças da autoridade necessária para administrar as ordenanças ou usavam-no simplesmente como local de reuniões? Essa questão sôbre a autoridade devida prende-se especialmente ao período do reinado iníqüo do rei Noé.

Amuleque faz uma referência bastante interessante a um incidente havido num templo nefita — onde e quando não foi dito:

Eu sou Amuleque, filho de Gidona, que era filho de Ismael, descendente de Aminadi; e foi êsse mesmo Aminadi que interpretou a Escritura que se achava sôbre o muro do templo, a qual foi escrita pelo dedo de Deus.

E Aminadi era descendente de Néfi, filho de Lehi,..." (Alma 10:2-3)

Quando o Salvador, ressurrecto e glorificado, apareceu aos nefitas em três dias sucessivos, êle o fêz nos"... arredores do templo que existia no país de Abundância..." (3 Néfi 11:1). Antes da ressurreição de nosso Senhor, as ordenanças pelos mortos não podiam ser realizadas, tanto em templos da Palestina quanto nos dêste continente. Mas após sua ressurreição êle explicou aos nefitas claramente tôda essa obra. Isto se depreende do fato de ter repetido



O "Mar de Fundição" do Templo de Salomão (I Rs 7:23)

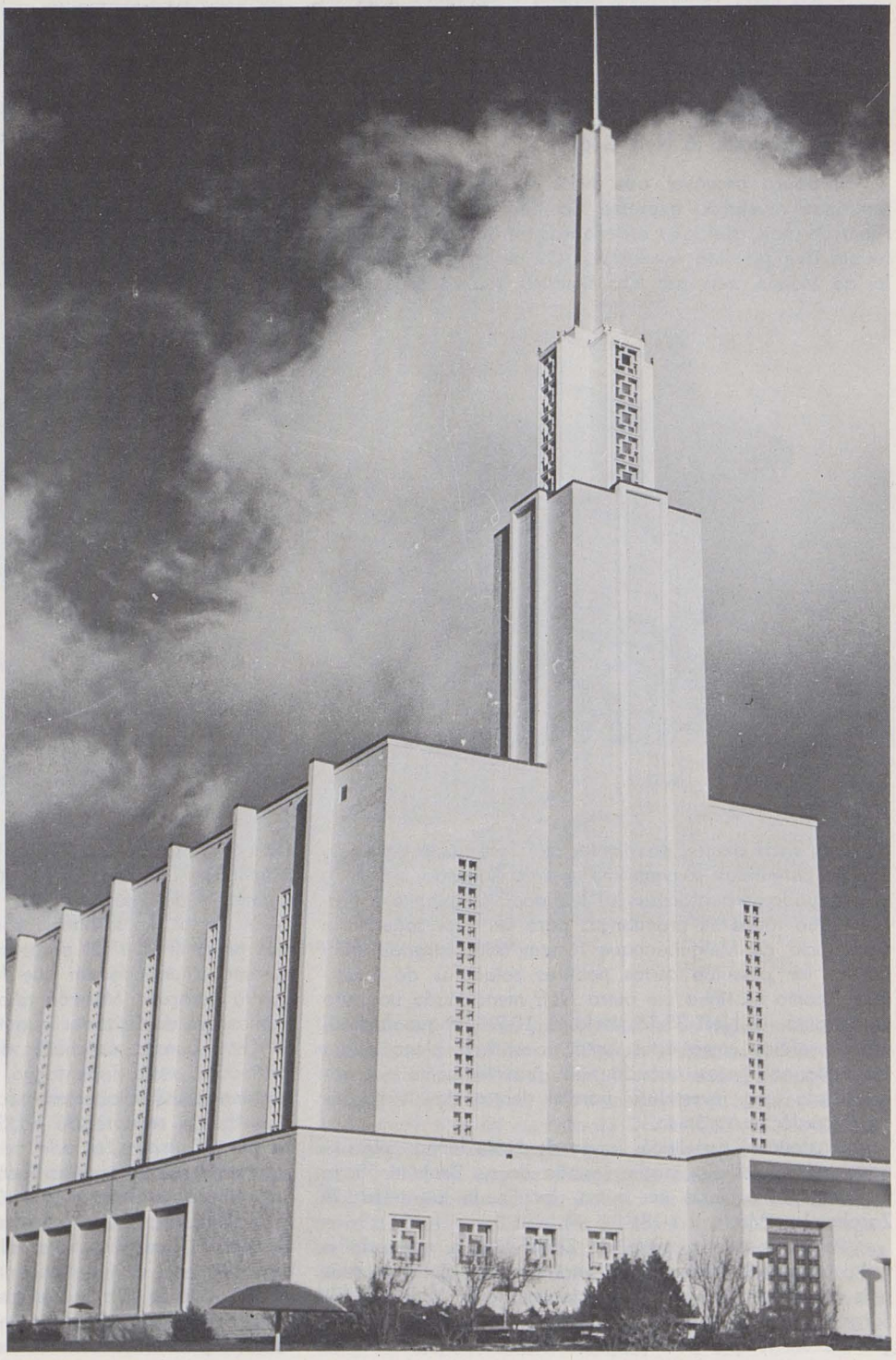
para os vivos dentro dos limites do Sacerdócio Aarônico fôssem permitidas sòmente no recinto sagrado. Néfi e seus seguidores guardavam as leis do Evangelho e é provável que tôdas as ordenanças para os vivos segundo o Sacerdócio de Melquisedeque fôssem administradas. Néfi parece ter possuído certos podêres seladores do Sacerdócio, como os tinha um outro Néfi mencionado no Livro de Helamã. (2 Néfi 33:15; Helamã 10:7) Enquanto houvesse profetas como êstes, uma investidura plena podia ser dada aos justos; quando não, provàvelmente era administrada uma investidura parcial dentro das limitações do Sacerdócio Aarônico.

É provável que Jacó, irmão de Néfi, tenha pregado neste mesmo templo, mas o sermão do rei Benjamin deve ter sido pronunciado em outro, localizado na terra de Zarahemla. (Mosía 1:1-18)

Pode ser que o povo de Zeniff tivesse reparado o velho templo de Néfi quando retornaram à pátria de seus pais ou, talvez tenham construído um nôvo. (Mosía 7:17) Surgem algumas perguntas interessantes quanto à utilização de um templo pelo povo de Zeniff. Dispunham êles tudo o que fôra dito a Malaquias (cap. 3 e 4) e "...explicou à multidão". (3 Néfi 25:25; 26:1) E assim, os podêres de selamento de Elias, no que diz respeito às ordenanças pelos mortos, se tornaram conhecidos dos nefitas. Podemos presumir que tal obra foi realizada em seus templos durante o período em que foram justos, isto é, durante quatro gerações. Mórmon não teve permissão de citar as explicações do Salvador quanto ao que Malaquias dissera de Elias, porque as chaves de tal conhecimento estavam destinadas, nesta dispensação, a Joseph Smith, que deveria explanar seu funcionamento correto.

Após a ressurreição do Salvador, as ordenanças pelos mortos devem ter sido administradas nos edifícios sagrados do mundo mediterrâneo. A referência de Paulo ao batismo pelos mortos em 1 Cor. 15:29 parece prová-lo. Seja como fôr, parece que os coríntios tiveram acesso a um templo aceitável para tal obra. Era, provàvelmente bem pequeno e não temos informação alguma sôbre o mesmo. Ainda isto se aplica à outras construções semelhantes erigidas ao Senhor pelos santos primitivos, durante o primeiro século da era cristã.

O Conceito SUD de Casamento



Templo da Suiça.

Hugh B. Brown *da Primeira Presidência*

O casamento é e deve ser um sacramento. A palavra sacramento é definida de diversas maneiras, mas entre os povos cristãos significa um ato ou cerimônia religiosa, solenizado por pessoa devidamente autorizada. É um voto, ou solene convênio, um sinal ou vínculo espiritual entre as partes contratantes e entre estas e Deus. O matrimônio foi instituído e santificado pelo próprio Senhor e isto é provado pela seguinte citação: "Disse o Senhor Deus, não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dêle.

"Portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se- à sua mulher, e serão ambos uma só carne." (Gênesis 2:18, 24)

Quando Jesus partiu da Galiléia e veio ao litoral da Judéia, além do Jordão, grande multidão o seguia, e os fariseus o interrogaram quanto ao divórcio: "Êle, porém, respondendo, disse-lhes: Não tendes lido que aquêle que os fêz no princípio macho e fêmea os fêz,

"E disse: Portanto deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, e serão dois numa só carne?

"Assim não são mais dois, mas uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem." (Mat. 19: 4-6)

É claro que Deus pretendia que o homem e a mulher se tornassem um só. Oficiando pessoalmente essas núpcias êle santificou a instituição do casamento. É uma condição normal, saudável e desejável e foi instituída para cumprir o propósito de Deus na terra.

É o elemento central do estabelecimento doméstico. É mais do que uma instituição humana a ser regulamentada sòmente pelos costumes e lei civil. É mais do que um contrato sancionado pela lei moral. É ou deveria ser um sacramento religioso, pelo qual homens e mulheres prometem cooperar com Deus em seu propósito confesso de tornar viável a vida terrena e a mortalidade a seus filhos espirituais, possibilitando sua imortalidade e vida eterna.

Existem os que afirmam ser possível alcançar uma vida das mais elevadas, mais dedicadas e mais desejáveis fora dos convênios matrimoniais. Em outras palavras, pretendem proibir aos que buscam a glória mais elevada a se "contaminarem pelas relações físicas e animalescas." Não existe nas scrituras justificação para tal doutrina. No livro dos Provérbios encontramos: "O que acha uma mulher acha uma cousa boa, e alcançou a benevolência do Senhor." (Prov. 18:22) E o apóstolo Paulo escrevendo a Timóteo, disse: "Mas, o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios.

"Pela hipocrisia de homens que falam mentiras, e tendo cauterizada a própria consciência;

"Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares que Deus criou para os fiéis e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem dêles com ações de graças." (1 Timóteo 4:1-3, itálicos nossos) E em Doutrina e Convênios, lemos: "E novamente, em verdade vos digo, que todo aquêle que proíbe o casamento não é ordenado de Deus, pois o casamento é ordenado por Deus para os homens." (D&C 49:15)

Os santos dos últimos dias acreditam que, a fim de se alcançar o melhor na vida e a maior das felicidades neste mundo como no mundo vindouro, homens e mulheres têm que ser casados no templo para o tempo e para a eternidade. Sem as ordenanças seladoras do casamento no templo, o homem não pode alcançar uma estatura divina ou receber uma felicidade plena porque a pessoa solteira não é um ser inteiro, completo.

Para um santo dos últimos dias existe sòmente um tipo de casamento considerado completamente aceitável — o casamento no templo ou celestial — e que pode ser

As fontes batismais no interior dos templos, como esta em Salt Lake, assentam-se sôbre as figuras de doze bois.

realizado apenas nos templos da Igreja. Os templos são erigidos e dedicados em santidade ao Senhor para proporcionar um local em que possam ser realizadas cerimônias e ordenanças espirituais e eternas. Embora reconheçamos os casamentos civís realizados pelos ministros de outras igrejas e os oficiados pelas autoridades legais, cremos que sòmente num templo de Deus pode ser realizado o casamento para o tempo e para a eternidade e tão sòmente por quem possua a autoridade que Cristo deu a Pedro quando disse: "...o que ligares na terra, terá sido ligado nos céus;..." (Mat. 16-19)

Esta autoridade é chamada nas Escrituras de "as chaves do reino dos céus," (idem) e no casamento celestial tais chaves abrem a porta dêsse reino.

O homem tem certas necessidades básicas — morais, sociais, biológicas e espirituais, — e estas só podem ser satisfeitas plenamente na instituição divina do casamento para a eternidade.

Para poder viver plenamente aquí e uma vida eterna no além-mundo, o homem tem que amar e ser amado, servir e sacrificar-se, assumir responsabilidades e exercer seus podêres procriadores emanados de Deus. "...eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância." (João 10:10)

Mas talvez o maior valor do casamento não é o que se refere ao homem e à mulher individualmente. O propósito da sua união no princípio é indicado pelo mandamento do Senhor, "Sêde fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a;..." (Gênesis 1:28) No casamento correto o homem encontra oportunidade de realizar seu anseio natural de ser criativo e produtivo. Isto só pode ser completamente cumprido e desfrutado na relação matrimonial, no gerar e criar filhos. Os pais devem se lembrar sempre que os filhos por êles gerados — os seus filhos — são também os filhos de Deus. Êle é o pai de seus corpos espirituais, e durante a existência pré-terrena providenciou para que o elemento e o espírito eterno permaneçam ligados inseparàvelmente e recebam a plenitude de alegria. Os santos dos últimos dias, por isso, crêem que Deus é realmente o terceiro associado nesta união e que trazer filhos ao mundo, dentro da instituição matrimonial divinamente sancionada, faz parte do seu plano de prover a imortalidade e vida eterna do homem.

Quando o Senhor Jesus especificou o amor a Deus e o amor ao próximo como sendo os dois grandes mandamentos, glorificou o amor. Na verdade, foi-nos dito que Deus é amor. Portanto, como Deus é eterno, o amor também o deve ser e seus frutos e bênçãos são destinados a durar por tôda a eternidade. Mas para desfrutar os privilégios e vantagens do amor eterno no que se refere a maridos e espôsas, pais e filhos, a ordenança que autoriza e santifica esta relação, a mais bela de tôdas, não será aceitável se incluir a limitação "até que a morte os separe". Para que a relação familiar e a união conjugal sejam eternas, o contrato matrimonial tem que estabelecer explìcitamente, "para o tempo e por tôda a eternidade."

Todos deveriam reconhecer sua responsabilidade para com sua prole e para com os convênios que fizeram com respeito à mesma. Quando o Senhor disse, "Pois nós, sem êles não podemos ser aperfeiçoados" (D&C 128:18), referia-se a uma cadeia cujos elos se estendem tanto para o futuro quanto ao passado. De fato, talvez tenhamos mais responsabilidade direta para com aquêles que nos foram confiados nesta vida do que para com nossos ancestrais, mas êle preveniu que caso nossa posteridade venha a fracassar e isto possa ser atribuído ao não cumprimento de nossos deveres para com êles, seus pecados cairão sôbre nossas cabeças.

Entre as bênçãos daqueles que alcançaram o mais alto grau no reino celestial conta-se a bênção do progresso eterno, o que entre outras coisas, significa que mesmo depois da morte o homem poderá cooperar com Deus no prover a imortalidade e vida eterna do homem.

O conceito dos santos dos últimos dias quanto ao progresso eterno inclui desenvolvimento eterno, aumento eterno de conhecimento, poder, inteligência, percepção e tôdas as características e capacidades que compõem a natureza divina. Mas, na organização de Deus, os homens não podem obter a condição de aperfeiçoamento contínuo em estado incompleto ou solteiro. Tem de haver o desenvolvimento e progresso do ser completo, em outras palavras, o homem que encontrou e se uniu à sua outra metade.

Êste conceito do casamento, com sua perspectiva divina, dá um nôvo significado e acrescenta importância, dignidade e glória à imagem matrimonial. Com êste conceito a pessoa consciente terá mais cuidado e atenção na escolha de seu companheiro eterno. Antes de realizar esta espécie de contrato eterno, tanto os homens como as mulheres deveriam ser humildes, sérios e, orando buscar, a orientação divina.

A santidade e sanção religiosas da relação matrimonial é grandemente realçada e apreciada quando o casal, antes do enlace — e necessàriamente têm que professar a mesma fé — já têm o mesmo objetivo em mente. Deverão preparar-se e ser dignos de receber as ordenanças sagradas em locais onde só aos dignos é permitido ingressar. Ali receberão ensinamentos, farão convênios e então, junto ao altar, prometerão amor e fidelidade eternos um ao outro na presença de Deus e dos anjos. Certamente tal conceito e costumes, com suas respectivas obrigações, contribuem para a permanência do lar, a glorificação da instituição matrimonial e a salvação da alma dos homens.

Um casamento assim é essencialmente um ato de fé, solenizado na presença de um parceiro divino. Tem que haver fé e coragem para compreendê-lo, perseverar até o fim, a despeito das dificuldades, provações, desapontamentos e privações ocasionais.

Quando alguém aceita as condições e responsabilidades desta sociedade eterna, deve entender que fracassar nela representa quase um fracasso total. Quaisquer que sejam os seus sucessos em outros campos de atividade, se o homem falha quanto às obrigações impostas pelo convênio eterno, sua pena espantosa será a perda da glória celestial, acrescida da responsabilidade pelas perdas sofridas por aquêles com quem fêz o contrato e pelos quais é responsável.

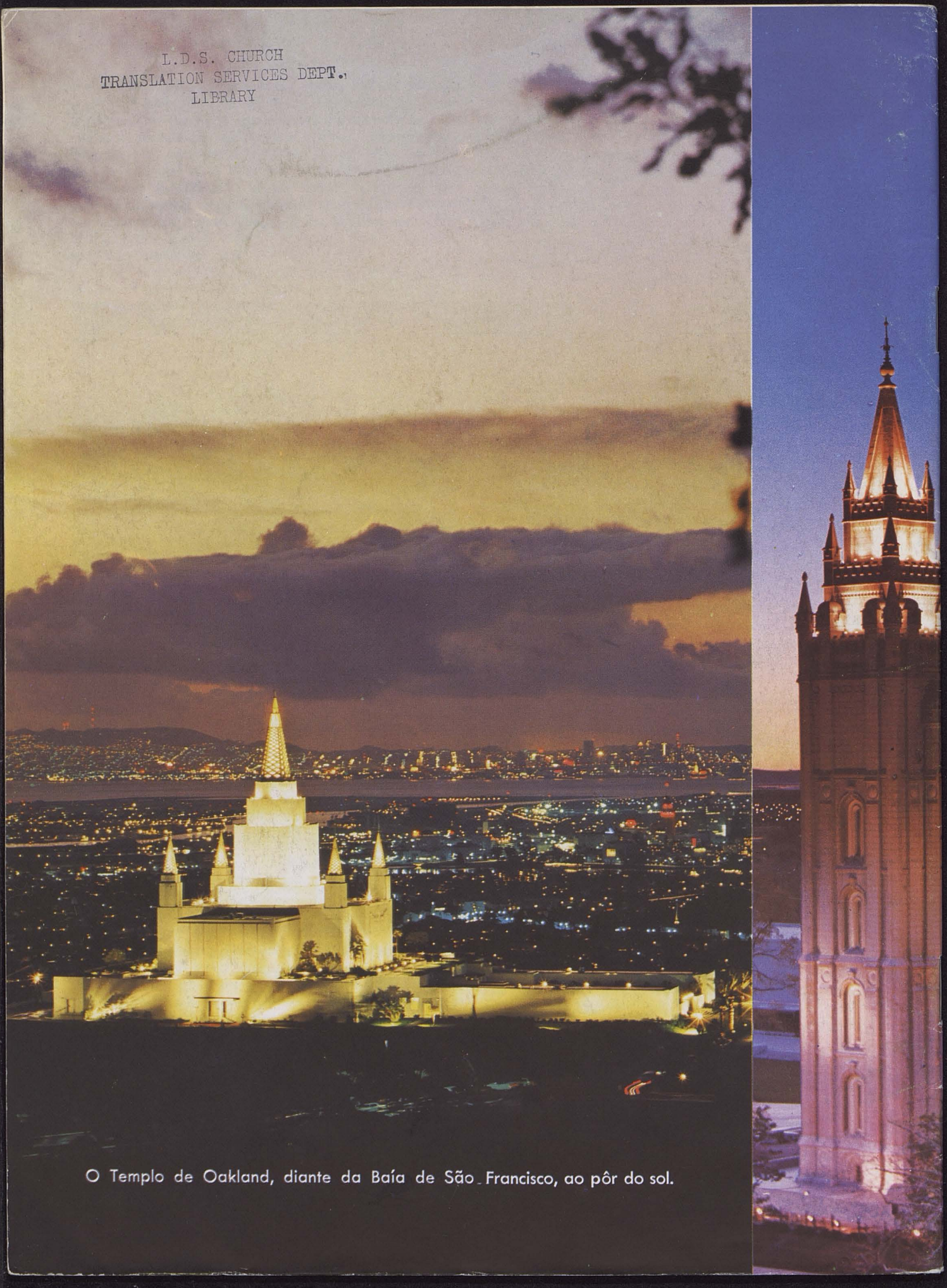
"...o casamento é ordenado por Deus para os homens.

"Portanto, é legítimo que o homem tenha uma espôsa, e os dois serão uma só carne, isto tudo para que a terra cumpra o fim da sua criação;

"E para que se encha com a medida do homem, de acôrdo com a sua criação já antes da formação do mundo." (D&C 49:15-17)

Esta concepção artística do arquiteto mostra o aspecto que terá o Templo de Ogden quando estiver terminado. O Templo de Provo terá linhas semelhantes.

L.D.S. CHURCH
TRANSLATION SERVICES DEPT.
LIBRARY



O Templo de Oakland, diante da Baía de São Francisco, ao pôr do sol.